

le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

PRIMEIRAS

TROVAS BURLESCAS

DE
LUIZ GAMA

(Getulino)

3.^a EDIÇÃO CORRECTA E AUGMENTADA

.....
Comtudo se os vir alguem
Que d'elles zombe, e de mim,
Defende-me, e dize assim:
Cada qual dá o que tem.

F. X. DE NOVAES.



TYP. BENTLEY JUNIOR & COMP. — SÃO PAULO

1904

AOS LEITORES

Reeditando as saudosas “Trovas Burlescas” do inolvidavel paladino da Liberdade, Luiz Gonzaga Pinto da Gama, cuja 2.^a edição, apparecendo em 1861, dentro em pouco exgottou-se completamente, tal foi o interesse que aquellas poesias despertaram no publico paulista, satisfazemos a um desejo antigo e cumprimos um sagrado dever de admiração incondicional pelo vulto grandioso que tantos serviços prestou á nossa nacionalidade.

Sae á luz esta 3.^a edição com a devida venia do distincto filho do illustre auctor, Ill.^{mo} Sr. Dr. Benedicto Graccho Pinto da Gama, a quem agradecemos os valiosos esclarecimentos a nós gentilmente fornecidos.

S. Paulo, 11 de Março de 1904.

Os Editores,

JOÃO ROSA DA CRUZ

ANTONIO DOS SANTOS OLIVEIRA

PRIMEIRAS

TRÓVAS BURLESCAS

DE
LUIZ GAMA
(Getulino)

3.^a EDIÇÃO CORRECTA E AUGMENTADA

.....
Comtudo se os vir alguem
Que d'elles zombe, e de mim,
Defende-me, e dize assim:
Cada qual dá o que tem.

F. X. DE NOVAES.



TYP. BENTLEY JUNIOR & COMP. — SÃO PAULO

1904

A QUEM LER.

Instado por alguns amigos, e fiado na benevolencia que caracteriza o illustrado povo Fluminense dou hoje ao prélo a segunda edição das minhas—*Trovas Burlescas*.

Estou por demais convencido do pouco que ellas valem, e, por isso, lancei mão das lindas poesias, que fazem parte d'este volume, escriptas pelo Exm. Snr. Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva, para servirem-me de santelmo n'esta empresa temeraria.

Estas bellissimas producções foram-me offertadas pelo seu illustre e modesto autor, sem a menor tenção de as ver impressas ; e, eu o acompanharia n'esse proposito a não ser coagido pela eminente necessidade, em que me vejo, de abrigar-me sob os auspicios de um valioso *padrinho*.

Faltaria ao sagrado dever do reconhecimento para com o Illm. Sr. Dr. Guilherme Delius, se deixasse de manifestar os meus agradecimentos pelas lisongeiras expressões de animação e benevolencia, que me dirigia por vezes nas columnas da *Revista Commercial*, que se publica na cidade de Santos

Rio, 28 de Maio de 1861.

.Curvar a fronte e submisso beijar
as mãos do bemfeitor amigo.

A. FERREIRA.

A seu Protector e Amigo

O Illm. e Exm. Sr. Desembargador

Dr. F. M. S. Furtado de Mendonça

Décano da Faculdade de Direito da Cidade de S. Paulo, Membro do Instituto da Ordem dos Advogados, e de outras muitas associações scientificas

O. D. C.

como mesquinha prova de profundo
reconhecimento

o seu humilde servo

L. G. Pinto da Gama.



LUIZ GAMA

Duas palavras sobre Luiz Gama...

Julgam-me os editores d'este livro capaz de synthese tão concentrada que, com dois escassos vocabulos, numa cunhagem rapida, dê a medalha de Luiz Gama, apresentando no verso o poeta e no anverso o abolicionista.

E' difficil—o mais perito gravador não se atreveria a tal empreza e não serei eu quem a realise.

A vida do propagandista intemarato é das que exigem paginas largas e o poeta é dos raros que, neste risonho paiz, onde só o homem é triste, riem francamente.

O seu verso, se não prima pela belleza da fórma, se não scintilla em labores d'Arte, se a rima, por vezes, é pauperrima, é leve como a flecha, silva, vai direito ao alvo, crava-se e fica vibrando.

Satyrico, como Gregorio de Mattos, dando golpes no ridiculo, como Tolentino, Luiz Gama trouxe da Poesia a audacia que empregou na sagrada campanha—as cordas da sua lyra foram tomadas a um latigo.

Que mais hei de eu dizer do heroe se uma pagina, e acanhada, apenas me concedem? Nem a pequenina medalha conseguí fazer gravando a imagem energica do que pede um monumento. O Tempo fará justiça.

Campinas, Março, 1904.

COELHO NETTO.

PROTASE

Embora um vate canhoto
Dos loucos augmente a lista,
Seja Cysne ou gafanhoto,
Não encontra quem resista
Dos seus versos á leitura
Que diverte, inda que é dura!

(F. X. de Novaes.)

No meu cantinho,
Encolhidinho,
Mansinho e quedo,
Banindo o medo,
Do torpe mundo,
Tam furibundo,
Em fria prosa
Fastidiosa—

O que estou vendo
Vou descrevendo.
Se de um quadrado
Fizer um ovo
N'isso dou provas
De escriptor novo.

Sobre as abas sentado do Parnaso,
Pois que subir não pude ao alto cume,
Qual pobre de um Mosteiro á Portaria,
De trovas fabriquei este volume.

Varias de saber, e de prosapia,
Não tractam de Ariosto ou Lamartine
Nem recendem as doces ambrosias
De Lamiras famoso ou Aritine.

Sam ritlmas de tarelllo, atropelladas,
Sem metro, sem cadencia e sem *bitóla*
Que formam no papel um ziguezague,
Como os passos de rengo manquitola.

Grosseiras producções d'inculta mente,
Em horas de pachorra constuidas;
Mas fillas de um bestanto que não rende
Torpe lisonja ás almas feimentidas.

Sam folhas de adurente cansação,
Remedio para os parvos d'excellencia;
Que aos arrobos cedendo da loucura,
Aspiram do *poleiro* alta eminencia.

E podem collocar-se á retaguarda
Os venerandos sabios de influencia.
Que o trovista respeita submisso.
Honra, patria, virtude, intelligencia.

Só corta, com vontade nos malandros
Que fazem da Nação seu Monte-pio;
No remisso empregado, *sacripante*
No lorpa, no peralta e no vadio.

A' frente parvalhões, heroes Quixotes,
Borrachudos *Barões* da traficancia;
Quero ao templo levar do grão Sumano
Estas arcas pejadas de ignorancia

LÁ VAI VERSO!

Quero tambem ser poeta,
Bem pouco, ou nada me importo
Se a minha veia é discreta,
Se a via que sigo é torta.

F. X. de Novaes

Alta noute, sentindo o meu bestunto
Pejado, qual vulcão de flamma ardente,
Leve pluma empunhei, incontinente
O fio das idéas fui traçando.

As Nymphas invoquei para que vissem
Do meu estro voraz o ardimento;
E depois revoando ao firmamento,
Fossem do *Vate* o nome apregoando.

Oh Musa de Guiné, côr de azeviche,
Estatua de granito denegrado,
Ante quem o Leão se poem rendido,
Despido do furor de atroz braveza;
Empresta-me o cabaço *d'urucungo*,
Ensina-me a brandir tua marimba,
Inspira-me a sciencia da *candimba*,
A's vias me conduz d'alta grandeza.

Quero a gloria abater de antigos vates,
Do tempo dos heroes armipotentes;
Os Homeros, Camões—aurifulgentes,
Decantando os *Barões* da minha Patria!
Quero gravar em lucidas columnas
Obscuro poder da parvoice,
E a fama levar da vil sandice
A's longinquas regiões da velha Bactria!

Quero que o mundo me encarando veja,
Um retumbante *Orptheo de carapinha*,
Que a Lyra despresando, por mesquinha,
Ao som decanta de Marimba augusta;
E, qual outro Arion entre os Delfins,
Os avidos piratas embaindo—
As ferrenhas pallhetas vai brandindo
Com estylo que presa a Lybia adusta.

Com sabença profusa irei cantando
Altos feitos da gente *luminosa*,
Que a trapaça movendo portentosa
A' mente assombra, e pasma á natureza!
Espertos eleitores de *encommenda*,
Deputados, Ministros, Senadores,
Galfarros Diplomatas—chuchadores,
De quem resa a cartilha da espertesa.

Caducas Tartarugas—desfructaveis,
Velharrões tabaquentos—sem juizo,
Irrisórios fidalgos—*de improviso*,
Finorios traficantes—*patriotas*;

Espertos maganões *de mão ligeira*,
Emproados juizes de *trapaça*,
E outros que de honrados teem *fumaça*,
Mas que são refinados agrotas.

Nem eu proprio á festança escaparei;
Com foros de *Africano fidalgo*,
Montado n'um *Barão* com ar de zóte—
Ao rufo do tambor e dos zabuinbas
Ao som de mil applausos retumbantes,
Entre os netos da Ginga, meus parentes,
Pulando de prazer e de contentes—
Nas danças entrarei d'altas *cayumbas*.

JUNTO Á ESTATUA

(NO JARDIM BOTANICO DA CIDADE DE S. PAULO)

Já a saudosa Aurora destoucava
Os seus cabellos de ouro delicados,
E as boninas nos campos esmaltados
De crystallino orvalho borrifava.

(Camões—*Soneto*)

Em placida manhã serena e pura,
Sentado á borda de espaçoso lago:
O corpo recostado em frio marmor,
Torridos membros sobre a terra quedos,

Qual tumido Tritão de amor vencido,
Transpondo as serras, iracundos mares,
D'Aurora o berço perscrutando ousado,
Dolorosos suspiros exhalava

Men fragil peito da natura escravo.
Já nas fulgidas portas do Oriente,
Trajando purpura magestoso assoma
Luzeiro ardente, que expandindo os raios,
Deslumbra os olhos, e a razão succumbe,
E, com furtiva luz, pallidas fogem
Notivagas espheras scintillantes.

As brandas auras perfumadas vinham
De grato aroma que invejára Méca.
Nos tortos ramos assoprar de manso.

Em nuvens brancas lá do céo cahia
Pranto saudoso que derrama a Aurora,
Que a terra orvalha, que floreira os prados.

Volatil bando de ligeiras aves,
Brandindo as azas pelo ar brincavam,
Modulando canções, ternas endeixas.

Longe do mundo, das escravas turbas,
Que o ouro compra de avarentos Cresos,
A minh'alma aos delirios se entregava,
A' sombra de illusões—de aereos sonhos.

Formosa virgem de nevado collo,
De garços olhos, de cabellos louros;
Sanguineos labios, elegante porte,
Mimoso rosto de Erycina bella,
Curvando o seyo de alabastro fino.
Mimosa imprime nos meus labios negros
Gostoso beijo de volupia ardente!—
Vencido de prazer, nadando em gozos,
Já temeroso pé movendo incerto,
Voo com ella as regiões ethereas
Nas tenues azas de ternura infinda.

Rasgando o véo das illusões mentidas,
Que est'alma fragil seduzir poderam,
Immovel terra, cambiantes flores,

Viram meus olhos no romper da Aurora;
E d'entre os braços, que cerrados tinha,
Gelada estatua de grosseiro marmore!...

Candidas boninas
E purpureas rosas,
Violetas roixas
Do luar saudosas;

Verdejantes murtas,
Redolentes cravos,
Lindas papoulas
Da donzella escravos,

Ao soprar da brisa,
Em balanço undoso,
O mortal encantam
N'um sonhar gostoso.

Mas fugindo as nuvens
—Que a illusão fulgura,
Só vagueia á sombra
Da infernal ventura.

SORTIMENTO DE GORRAS

PARA

A GENTE DO GRANDE TOM

Seja um sabio o fabricante,
Seja a fabrica mui rica,
Quem carapuças fabrica
Soffre um dissabor constante:
Obra prompta, vó errante,
Feita avulso, e sem medida;
Mas no vóo suspendida,
Por qualquer que lhe appareça,
Lá lhe fica na cabeça,
Té as orelhas mettida.

(F. X. de Novaes.)

Se grosseiro alveitar ou charlatão
Entre nós se proclama sabichão:
E, com *cartas compradas* na Allemanha,
Por anil nos impinge *ipocrecunha*;

Se mata, por honrar a Medicina,
Mas voraz do que uma ave de rapina;
E n'um dia, si errando na receita,
Pratica no mortal cura perfeita;
Não te espantes, ó Leitor, da novidade,
Pois que tudo no Brasil é raridade!

Se os *nobres* d'esta terra, empanturrados,
Em Guiné teem parentes enterrados;
E, cedendo á prosapia, ou duros vicios,
Esquecem os negrinhos seus patricios;
Se mulatos de côr esbranquiçada,
Jã se julgam de origem refinada,
E, curvos á mania que os domina,
Desprezam a *vorò* que é preta-mina:
Não te espantes, ó Leitor, da novidade,
Pois que tudo no Brasil é raridade!

Se o governo do Imperio Brasileiro,
Faz cousas de espantar o mundo inteiro,
Transcendendo o Autor da geração,
O jumento transforma em *sor Barão*;
Se estúpido matuto, apatetado,
Idolaura o papel de mascarado;
E fazendo-se o lorpa deputado,
N' Assembléa vai dar seu—*apollhado*:
Não te espantes, ó Leitor, da novidade,
Pois que tudo no Brasil é raridade!

Se impera no Brasil o patronato,
Fazendo que o Camello seja Gato,
Levando o seu dominio a ponto tal,
Que torna em sapiente o *animal*;
Se deslustram honrosos pergaminhos
Patetas que nem servem p'ra meirinhos,
E que sendo formados Bachareis,
Sabem menos do que pécos bedeis
Não te espantes, ó Leitor, da novidade,
Pois que tudo no Brasil é raridade!

Se temos Deputados, Senadores,
Bons Ministros, e outros chuchadores;
Que se afferram ás tetas da Nação
Com mais sanha que o tigre, ou que o Leão;
Se já temos calçados—*mac-lamu*,
Novidade que esfalfa a voz da Fama,
Blasonando as gazettas—que ha progresso.
Quando tudo caminha p'ra o regresso:
Não te espantes, ó Leitor, da pepineira,
Pois que tudo no Brasil è chuchadeira!

Se contamos vadios empregados,
Porque sam das potencias afillhados,
E succumbe, á matrôca, abandonado,
O homem do criterio, que è honrado;
Se temos militares de trapça,
Que da guerra jámais viram funça,
Mas que empoigam chistosos ordenados,
Que ao povo, sem sentir sam arrancados:
Não te espantes, ó Leitor, da pepineira,
Pois que tudo no Brasil è chuchadeira!

Se faz opposição o Deputado,
Com discurso medonho, enfarruscado;
E pilhando a maminha da lanbança
Descrepa do papel, e faz mudança;
Se esperto capadocio ou maganão,
Alcança de um jornal a redacção,
E com quanto não passe de um birbante,
Vai fisingando o metal aurisonante:
Não te espantes, ó Leitor, da pepineira,
Pois que tudo no Brasil è chuchadeira!

Se a guarda que se diz—Nacional,
Tambem tem caixa-pia, ou muzical,
E da qual o diuheiro se evapora,
Como o—Mal—da bocéta de Pandora;
Se depois por chamar nova pitança,

No fundo se conserva a—Esperança;
E n'isto resmungando o cidadão
Lá vai ter ao calvario da prisão:
Não te espantes, ó Leitor, da pepineira,
Póis que tudo no Brasil è chuchadeira!

Se temos magestosas Faculdades,
Onde imperam egregias potestades,
E, apezar das luzes dos mentores,
Os burregos tambem sahem Doctores;
Se varões de preclara intelligencia
Animam a nefanda decadencia.
E a Patria sepultando em vil desdouro
Perjuram como judas—só por ouro:
E' que o sabio, no Brasil, só quer lambança
Onde possa empantufar a larga pança!

Se a Lei fundamental—*Constipação*,
Faz papel de fallaz canaleão,
E surgindo no tempo de eleições,
Aos patetas illude, aos tolerões;
Se luzidos Ministros, d'alta escolha,
Com geito, tambem mascam *grossa rolha*;
E clamando que—sam independentes—,
Em segredo recebem bons presentes:
E' que o sabio, no Brasil, só quer lambança,
Onde possa empantufar a larga pança!

Se a justiça, por ter olhos vendados,
E' vendida, por certos Magistrados,
Que o pudor afferrando na gaveta,
Sustentam—que o Direito é pura pêta;
E si os altos poderes sociaes,
Toleram estas scenas inimoraes;
Se não mente o rifão já mui sabido:
—*Ladrão que muito furta é protegido*—
E' que o sabio, no Brasil, só quer lambança
Onde possa empantufar a larga pança!

Se ardente campeão da liberdade,
Apregoa dos povos a igualdade,
Libellos escrevendo formidaveis,
Com phrases da peçonha impenetraveis:
Já do Céu perscrutando alta eminencia,
Abandona os tropheos da intelligencia;
Ao som d'argem se curva, qual vilão
O nome vende, a gloria, a posição:
E' que o sabio, no Brasil, só quer lambança
Onde possa empantufar a larga pança!

E se eu, que amigo sou da patuscada,
Pespego no Leitor esta maçada;
Que já sendo avesado ao soffrimento,
Bonachão se tem feito e pachorrento;
Se por mais que me esforce contra o vicio
Desmontar não consigo o artificio;
E quebrando a cabeça do Leitor
De um tarélo não passo, ou fallador;
E' que tudo que não cheira a pepineira
Logo taxam de maçante fricleira.

O VELHO NAMORADO

Pobre velho! Estás perdido
Se n'esse couro tão duro,
Pôde ainda fazer-te um furo
Uma setta de Cupido!
D'esse mal accometido,
Remedio te não darão;
Que nessa idade a paixão,
Bem que assim te não pareça,
E' molestia da cabeça,
Que não sente o coração

(F. X. de Novaes.)

Um velho demente,
Mimoso ratão,
Fiado em Cupido,
Quiz ser *Maganão*.

Janeiros sessenta
Contava o patola,
Com rugas na cara,
Com ar de farçola.

Gorducho e roliço,
Qual porco catôte;
Cabeça de coco,
Nariz de pivete.

De pança crescida,
Andar de garoto,
Franzido sobr'olho,
Olhar de marôto,

Cedendo á loucura,
Que d'elle zombava,
A barba e cabelo
Cuidoso pintava.

Brunia os sapatos,
O fato escovava;
Na dextra grosseira
Bengalla empunhava.

Se via á janella
Mocinha dengosa;
De lindo semblante
E labios de rosa:

Então, derretido,
O velho lapuz,
Saltava, gingava,
Qual joven de truz.

Se a bella formosa,
Por mofa, sorria,
O pobre do *punga*
Alentos bebia.

Assim pretendia
Esposa encontrar,
Que a sua rabuje
Quizesse aturar.

Eis chega-se o dia
De amor inspirado
Enfeita-se o asno,
Assim preparado.

Da cara deidade
Trepando as escadas,
Com furia de bravo,
Dá quatro palmadas!

Lá corre a criada,
Mulata faceira,
De porte agradável,
Nos modos brejeira;

E vendo o basbaque
A' moda vestido,
Exclama, sorrindo:
"Que lindo Cupido!...

"Bonita casaca.
"Collete bordado;
"Chapéo de patente,
"Cabello *pintado!*...

"Vem tão bonitinho!...
"A quem quer fallar?
"—Co'a dona da casa
"Desejo tractar."

Escanc'ram-se as portas,
Lá entra o velhote,
De negra azeitona
Redondo ancorote.

Eis chega a matrona
Que a casa dirige;
D'aquella visita
A dona se afflige.

Tambem vem com ella
Formosa menina,
De louros cabellos
E face divina.

“Que ordenas, pergunta,
“Illustre *mancebo*?”
Estufa-se o lorpa,
Cupido de sebo!

Prepara a garganta,
Tomando postura,
A' frente se põe
Da prenda futura.

E qual orador,
Em pleno auditorio,
O gebas começa
O seu palanfrorio:

O' Venus pudibunda, sem ignal,
A teus pés aqui tens este animal,
Que vencido de amor pelos teus gestos,
Curvado te apresenta os seus protestos!
Vencestes do bigode—autoridade,
Do soldado a cruel severidade!
Este todo que vês tão rijo e duro,
Em borra ficará para o futuro;
Este peito que bate só por ti,
Já rendido e quebrado o tens aqui,
Guerreiro das campanhas *cupidarius*,
Dos mercurios, jalapas lunarias,
Sou velho, mas em tudo tão perfeito,
Que não conto, sequer, um só defeito!

Agora tu, matrona ajuizada,
Que pariste esta prenda delicada,
Consente no casamento desejado,
—Não faças do *velhote* um desgraçado!

Notando a donzella,
Que o pêco farfante,
Vencido de amores,
Se fez um pedante;

A elle se chega,
Com ar seductor
Que os peitos encanta,
Que mata de amor;

Com gesto feminio
Que a mente não trahe,
Sorrindo, lhe disse:
“A benção, papae!...”

Depois, prazenteira,
A face voltando,
Com garbo de fada
Se foi retirando!...

E como esta chalaça tão picante
O avô de Saturno, delirante,
Não ficou homem, não, mas mudo e quedo
Qual junto de um penedo outro penedo!
E, depois que sentiu-se cudilhado,
Pela porta tomou, muito enfiado.

NO ALBUM

DO MEU AMIGO J. A. DA SILVA SOBRAL

Amigo.

Pedes um canto na lyra,
A quem apenas lhe tira
Sons de viola chuleira?
Insistes d'essa maneira?
Não sabes que, por desgraça,
Por mais esforços que faça
Por ser vate é sempre em vão?
Não vês que mente o rifão:
Quem porfia muta cacá?

(F. X. de Novaes.)

Se tu queres, meu amigo,
No teu alb'um pensamento
Ornado de phrases finas,
Dictadas pelo talento;

Não contes comigo,
Que sou pobretão:
Em cousas mimosas
Sou mesmo um ratão.

Não fallo das flores,
Dos prados não fallo,
Nem tracto dos sinos
Porque teem badalo;

Da rola que geme,
A' borda do ninho,
Do tenue regato
Que corre mansinho;

Nem das travessuras
Do terno Cupido,
Que faz do beato
Janota garrido.

Mas se queres que alinhave
Palavras desconchavadas,
Desculpa, com paciencia.
Saudices que vão ritmadas.

Desprenda-se a veia,
Comece a festança,
Mordendo, cortando—
Com toda chibança.

Ateie-se a Musa.
Na magra cachola,
Com phrases flammantes
De chócho pachola

E qual estudante,
Campano de sabio,
Que empunha a luneta,
Que é sen astrolabio:

Eu pego na penna,
Escrevo o que sinto;
Seguindo a doutrina
Do grande Filinto.

Que estou a dizer?!
Bradar contra o vicio!
Cortar nos costumes!
Luiz, outro officio.

Não luctes com isso,
Trabalhas em vão;
E podes tocar
N'algun *puspallão*.

Vai lá para a tenda
Pegar na sovela,
Coser teus sapatos
Com linha amarella.

Mordendo na sola,
Empunha o martello
Não queiras, com *brancos*,
Metter-te a tarolo.

Que o *branco* é mordaz,
Tem *sangue azulado*:
Se boles com elle
Estás *embirado*.

•
Não borres um livro,
Tão bello tão fino;
Não sejas pateta,
Sandeu e mofino.

Sciencias e lettras
Não são para ti

Pretinho da Costa
Não é gente aqui.

Ouvindo o conselho
Da minha razão,
Callei o impulso
Do meu coração.

Se o muito que sinto
Não posso dizer,
Do pouco que sei
Não quero escrever.

Não quero que digam
Que fui atrevido;
E que na sciencia
Sou intronettido.

Desculpa, meu caro amigo,
Eu nada te posso dar;
Na terra que rege *branco*,
Nos privam té de pensar!...

Ao peso do captiveiro
Perdemos razão e tino,
Soffrendo barbaridades,
Em nome do Ser Divino!!

E quando lá no horisonte
Despontar a Liberdade;
Rompendo as *ferreas* algemas
E proclamando a igualdade;

Do chôcho bestunto
Cabeça farei;
Mimosas cantigas
Então te darei.—

O GAMENHO

Parece-me impossivel que o gamenho,
Que cuidadoso só tracta do cabello,
Nãe tenha transformado em um novello
O miolo que encobre tal desenho!

Lá gíngá na praça
Gentil namorado;
Vai tão adamado,
Que as bellas mãs dengues
Lhe rendem mendengues.

Passinhos de Nympha
Mimosa, engraçada;
Parece uma fada,
Nem Venus formosa
Como elle é gabosa!

Tregeitos femineos,
Pisar delicado,
Andar compassado;
Oh céos, que luxuria,
Que terna meluria!—

Que ar seductor,
Que todo elegante,
Que lindo semblante,
Que pé delicado—
Parece moldado!

Mas se queres, Leitor, ver um contraste,
Adonis em Morcego transformado,
Ou Cupido em figura de Macaco—
Approxima-te ao nescio namorado.

E' um velho farçola, desfructavel,
Com fumaças de joven, repimado,
Que ao ridiculo se presta, qual demente,
Figura de presepe ou mascarado.

MOTE

E não pôde negar ser meu parente!

SONETO

Sou nobre, e de linhagem sublinada,
Descendo, em linha recta dos *Pegados*,
Cuja lança feroz desbaratados
Fez tremer os guerreiros da Cruzada!

Minha mãe, que é de prôa alcantilada,
Vem da raça dos Reis mais affamados;
—Blasonava entre um bando de pasmados
Certo parvo de casta *amorenada*.

Eis que brada um peralta retumbante:
“—Teu avô, que de cor era latente.
“Teve um neto mulato e mui pedante!”

Irrita-se o fidalgo qual demente,
Trescala a vil catinga nauseante,
E não pôde negar ser meu parente!

A UM FABRICANTE DE PILULAS

SONETO

ILLMS. SRS. DA MUNICIPAL

Diz Dom Sancho careca, o carraspanas,
Antigo charlatão pelotiqueiro,
Por força da natura cozinheiro,
Actual compositor de trabusanas,

Que a bem de seus direitos, sem chicanas,
Por honra da sciencia, em que é primeiro,
Os fóros se lhe dê de calhandreiro
Dos effeitos das *purgas paulistanas*.

E sendo o supplicante sabichão,
Inventor do systema da rapina,
Reclama uma patente de invenção,

Requer para seu uso uma batina,
De burro uma queixada por brasão,
Sem fundos um barril por barretina.

AO MESMO

SONETO

Qual de pedra colosso ou monte Atlante,
De horrenda catadura, horrendo porte,
Rugindo se apresenta qual Mavorte,
Borrachudo *Averroes* alti tonante.

Impondo de Doctor o ruminante,
De catrambias atira a negra morte,
Das fances lhe despara o vento norte
Com tremendo estampido retumbante.

Eis que surge *Chiron* d'alta memoria
E vendo esse monturo de bagaço
Raivoso então bradou, rasgando a historia:

“Silencio, ó charlatão! Nem mais um passo.

“Que levo-te a vergalho, á palmatoria.

“Transformo-te n'um burro, e mais não faço.

ARREDA QUE LÁ VAI UM VATE!

Quiz um pobre sandeu apatetado
Sobre as grimpas guindar-se do Parnaso;
Empunha uma bandurra desmanchada,
E nas ancas se encaixa do Pegaso.

Ás crinas se afferrando, como doudo,
No bandulho do bruto as pernas cerra:
Manquejando na prosa em verso rengo,
Ufanoso da gloria exclama e berra:

Ao Parnaso! Aa Parnaso subir quero!
Sonoroso anafil empunha ousado,
Para a fama elevar do sacrilegio
Com meu fôfo bestunto estuporado.

Os gatos mostrarei fugindo aos ratos,
Vistosos fructos em arbusto pêco;
Jumentos a voar, touros cantando,
E grandes tubarões nadando em secco!

Espanta-se o cavall. ao som da asneira,
E cuidando em si ter outro que tal,
Com saltos e corcovos desmedidos
O pateta lançou n'um tremedal.

Todo em lama, o coitado, bezuntado,
A bandurra tocou destemperada,
E, por fim do descante, só ficaram
Asneiras e sandices—patacoada.

A PITADA

A pitada é cousa grande,
Vem de engenho sublimado;
E' capaz de tirar monco
Do nariz mais confiado.

Certo Papa alti-potente,
D'ella tendo experiencia,
Suspendeu suas tomadas,
Por temer sua influencia.

Não respeita velho ou moço,
Seja preto ou côr de giz;
Sahe do bote para a caixa,
E da caixa p'ra o nariz.

E' prazer que não se explica,
Ardorzinho que consola,
Vicio honesto, innocentinho,
Protegido pela estola.

Contra o peso da cabeça,
E' remedio tão gabado,
Que o não deixa um só momento
Todo o homem que é casado.

Toma a velha, a moça toma,
Toma a negra, toma a branca,
Toma o rico, toma o pobre,
Tendo a venta sempre franca.

Té nos lybicos desertos,
Toma o barbaro gentio,
Torvo esturro côr de barro,
Recrestado ao sol de estio.

Oh! pitada milagrosa,
Pitadinha portentosa!
Eu quizera ser um Dante,
Ter uma harpa resonante
P'ra cantar a tua gloria,
Sobre as aras da memoria.
Não te zangues, pitadinha,
Pitadinha **amarellinha**;
Pobre filho da tarimba,
Vou cantar-te na marimba.
Attendei, oh tomadores,
Que en começo os meus louvores!
E' tão bella, é tão gabada
A virtude da pitada,
Que não ha quem lhe resista,
Seja cego ou tenha vista!
Nem a velha recurvada,
Nem a moça enamorada,
Nem o padre, nem o frade,
Seja leigo ou seja abbade,
São capazes de fugir,
Evitar ou resistir.
A' tendencia exacerba-la,
Pela força da pitada!

Quem resiste ao bom tabaco,
Quer do binga quer de caco?!
Toma o menino de escola,
Para ter fresquinha a bola;
Toma o rude lavrador,
Toma o sabio professor:
Velhos lentes jubilados
Pelos annos alquebrados,
O vagaroso porteiro
Os vigarios, o sineiro.
Toma o mestre de francez,
O de latim, o de inglez,
O boçal qu'inda é caloiro.
Que o tomar não è desdoiro;
Veteranos, bachareis,
Secretarios e bedeis,
Directores de collegios;
Apezar dos privilegios;
Tambem toma, por mania,
O que explica geometria.
E narizes tem-se visto,
Com prosapias de resisto,
Que chupitam n'um momento,
De tabaco bolorento,
Duas libras, bem pesadas,
Embutidas por pitadas.

A pitada é cousa grande,
Vem de engenho sublimado,
E' capaz de tirar monco
Do nariz mais confiado.

Não tem bom gosto,
Quem fero, altivo,
Se mostra esquivo
A' pitadinha;
Que é cousa santa,
Contra azedumes,

Negros ciumes,
Tomada azinha.

Quer de cangica,
Quer de semonte,
Refresca a fronte,
Tomada azinha ;
Por ella morre
Gentil donzella
Formosa e bella
Tão moreninha.

Alegre toma,
Morta de amores,
Libando as flores,
Qual avesinha,
Nivea loureira
Na orlada venta
Brandinha lenta
A pitadinha.

Toma a casada,
Toma a solteira,
A honesta freira,
Que é bonitinha ;
Entre os dedinhos,
Alvos, bruidos,
Com graça unidos,
A pitadinha.

Do genio afasta,
Suavemente,
A impertinente,
Fera zanguinha ;
Sara quebrantos,
Paixões de amores,
Acerbas dôres,
Tomada azinha.

Qual o volátil,
Que innocentinho,
Deixando o ninho,
Beija a florinha,
Assim, deidades,
Que as auras beijão,
Ternas almeirão
A pitadinha.

Lindas meninas,
No seu passeio,
Levão—no seio—
A bocetinha.
Para tomarem,
Co'as companheiras
Por brincadeiras,
A pitadinha.

E si o espirro,
Deixando a toca
Vem á *taboca*,
Ligeiro e rude;
Entôa o bando
De Hurys formosas,
Quaes niveas rosas,
Hum—Deus *lhe* ajude.

O BALÃO

Requeiro oh Musa,
Do grande Urbino,
Pincel divino,
D'alto rojão;
De Tasso o genio,
De Homero a fama,
Que o mundo acclama,
D'aurea feição.

Que cantar quero,
Vibrando o plectro,
Com doce metro,
Ancho balão;
Erguendo aos ares
Novas esferas,
Tontas megeras,
De rubiçào.

Guapos rapazes,
Velhos caducos,
Sandeus, malucos,
Por devção;
Que, por pachólas,
O siso despem,
E á moda vestem,
Lá do Japão.

Rompa-se a marcha!
Eis um capenga,
Que untada a quenga
Traz de sabão;
Andar cadente,
No gesto grave,
E grossa trave
Tem por bastão!

O' que prosapia!
Traja com gosto,
Tem o composto
De um figurão!
Vem atacado,
E tam rotundo,
Que affronta o mundo,
Com seu balão!

Desfez-se o homem,
E não é peta,
Fez-se planeta,
—De Escorpião—
Tem gaz na pança,
Suspiro e bomba,
—Astro de tromba,
Luz de alcatrão!

Olá! que vejo!
Qual nivea estrella,

De luz singela,
Tem o clarão!
Mimosa fada,
Que os genios doma,
Ampla redoma,
Do Indostão!

Faz mil requebros,
Gentil donzella,
Qual rosa bella
Contra o tufão;
Salta e corcova,
Como charrua,
Quando fiuctua,
Sem capitam!

Silencio! é ella!
Tam vaporosa
Vem, e formosa,
—Que treme o chão!
Gordo cetaceo,
Deixando os mares,
Que affronta os lares
Sobre um balão!

Eu te saúdo,
Oh tartaruga,
Romba taruga,
De barracão!
Monstro que alojás,
Sob os babados,
Dez mil soldados,
Do rei Plutão!

Planeta aquario,
Veloz, possante,
Que vaga errante,
Sem região;

Pharól tremente,
D'estreita barra,
Que o leme emparra,
Do galeão.

Diz a gazetta,
(Caso de fama)
Que certa dama,
N'uma função,
Fôra atacada,
De flato horrivel,
Que a poz *hirtivel*,
No raso chão.

Dose mancebos
A carregaram
E collocaram
Sobre um colchão,
E a castidade,
Sem offenderem,
Para fazerem,
Fomentação ;

Foram tirando,
Sem causar maguas,
Fofas anaguas,
De camelão ;
Curvadas molas,
Arcos de pipa,
Cordas de tripa,
E um rabecão.

Caixas de guerra,
Rouco zabumba,
Que além retumba,
Como trovão ;
Felpuda palha
Para viveiros,

Dous travesseiros,
E um trombão.

Eis que debaixo,
Do tal babado,
Pula espantado,
De supetão,
Tremendo gato,
Mirando, afflicto.
Mais esquesito,
Que um sacristão!

Bradaram todos —
Que era feitiço,
Ou malificio,
De Phaetão,
Chamou-se logo,
Para o sinistro,
Certo ministro,
Do alcorão.

Chega o bojudo,
Doctor Trapagas
Que tem funaças,
De sabichão;
Pega na penna,
Lavra a receita,
—Para maleita—
Chá de gervão.

Suspira a moça,
No brando leito,
De novo aspeito.
Se amostra então;
Era a doença,
Pobre innocente,
A lava ardente,
Do seu balão!

Casos de estrondo,
Já se tem visto,
Que aqui registo,
Do tal balão,
Attendam todos,
Não façam bulha,
Que tem borbulha.
A narração.

Se algum marujo,
Fino tratante,
Faz-se de impante
Politicão;
Muda de credo,
Vira a casaca,
—O gaz ataca,
No seu balão.

Mas si perdendo
A tramontana,
Qual Zé banana,
Pilha o tufão;
Foge ao perigo,
Deixa a catraya,
Buscando a praya,
E' charlatão.

Inda que berre,
Inda que brade,
Qual rubro frade,
Com mao sermão;
Um povo inteiro,
Lhe diz em face:
E's um fallace
Camaleão.

Se na fachada,
De um *bom* marido,

Que foi trahido,
Surge um pulmão ;
Exclama a esposa,
Que sam esguichos,
Ou tubos fixos,
Para o balão !

Quem tal diria,
Que na fachada,
Tam respeitada,
Do cidadão ;
Se assestariam.
Tòrcidas molas,
Curvas bitólas,
Para o balão !..

Rengas moçoilas,
De pernas finas,
Teem lamparinas,
Oleo e carvão ;
Para empinarem,
O bojo enorme,
Do desconforme,
Monstro balão

Tambem a velha,
De gambia esguia,
Traz por mania,
Fófo balão ;
Mas, róta a bomba,
E' qual sanfona,
Que zune e trona,
De cantochão.

Boças donzellas,
Finas varetas,
Magros cambetas,
Teem seu balão ;

Gaz hydrogenio,
Tam sublimado,
Que, destampado,
Faz de trovão !

Não ha cegonha,
Torta gazela,
Nem magricela,
Que de balão ;
Não faça rodas,
Com tal rebojo,
Que vence, em bojo,
Nescio pavão !

Nem rapazola,
Parvo e pedante,
Que todo impante,
Qual histrião ;
Não julgue ousado.
Pobre pichote,
Ser Dom Quichote,
Sobre o balão ! . .

E tu, oh genio,
Sublime e raro,
A quem deparo,
N'esta invenção ;
Nas aureas lettras
Da sabia historia,
Verás a gloria—
Na exposição.

A UM FABRICANTE DE PIRULAS

Exulta, oh Paulicéa, a fronte eleva
Sorri da Grecia e de Esculapio estulto,
Affronta o velho mundo, ousada rompe
Nas aras da memoria ergue o teu vulto.

Cidade eterna de prodigios altos,
Que o genio domas de Misray potente,
Encrava em bronze com douradas letras
Teu nome excelso de poder ingente.

O Cairo, a Grecia, a Babylonia antiga,
A culta França e a Bretanha ousada,
Ouvindo a fama que o teu nome alteia
Vacillam, tombam do lethargo ao nada!

Os vultos da sciencia purgatoria
Osiris — Chiron, o louro Apollo,

Vencidos de terror medrosos tremem,
E as fronte curvão no gretado solo!

Quem ha que possa competir contigo,
Viçoso berço de varoens preclaros?
Nem Podalyros de saber profundo,
Ou d'aurea Praxithea os filhos claros!

Se alguem tentar sobrepujar teu nome,
De inveja prenhe e de lethal veneno,
Soberba aponta para o vulto herculeo
Do *Pirulista* de assombroso aceno.

Héroe fulgente, qual não viu Athenas
Em almos dias que a sciencia esmaltam;
Professor magnus de purgantes acres—
Em piruletas que curando matam!

Impando affirma—que com bravas hervas
Sarou morphiéa, e tudo mais que diz,
Tornou formosos carcomidos corpos,
Com pelle e carne, e magistral nariz.

Famintos cura, de dinheiro a falta,
Cabeças ôcas, de juizo ausencia,
Barriga dura, catarrhal defluxo,
A hydropsia e perennal demencia!

E para assombro, do renome, amostra,
Em um—*Correio Paulistano*—antigo,
O sello, a prova d'esta gran verdade,
Depois o prega em besbelhal postigo.

Caducas velhas de viver cansadas,
Que teem na coma claraboya immensa,
Tomando as doses do doctor chamfana
Concebem, parem, sem temer doença!

Eis troam, rugem na rotunda pausa
Trovoens soturnos, sibilantes ventos,
Farpados rayos cornscantes ardem
Na cava estreita, em barrigaes tormentos!

Tomou aquella, por debique ou luxo.
Das taes pirúlas seis massitos —só!
Da pausa em fóra descretou bramindo
Maçada horrenda, ventania pó!

E de improviso, por mysterio occulto,
Ou providencia do remedio sancto,
Sentiu crescer-lhe a barrigaça a velha—
Um filho teve por fatal encanto!

Lá mais dous casos de eternal memoria
Um velho rengo, uma viuva amosa;
Purgado aquelle se transforma em joven,
A velha em moça virginal, formosa!

Silencio, oh povos! que lá vem milagre,
Repiquem sinos badalar tem-tem!
Attentos mirem da gazeta o caso;
—Lá parem veilhas de janeiros cem!

Estende as azas, oh Galeno herculeo,
Adeja em torno da virente Clio;
Despreza os parvos, a sandice estulta,
Berrar de sapos da inveja o pio.

Em throno calhondral erguido aos ares,
Entre nuvens de incenso purgantino,
Recebe as ovacões da gente enferma,
Nas salvas do ribombo tibertino.

Exulta, oh Panlicéa, fronte elevada,
Sorri da Grecia e de Esculapio estulto

Affronta o velho mundo, ousada rompe
Nas aras da memoria ergue o teu vulto.

Rasgando os ares, da victoria certa,
Varrendo as ondas co'os prodigios teus,
Sacode os astros, as montanhas quebra,
Renome imprime nestes versos meus.

E o tal Galeno de purgar sedento,
Que as vidas troca por eterno sonho,
Eleva ao cume das espheras lucidas,
Nas crespas azas do tufão medonho.

Em torno monte de fecaes materias,
Quaes dundaras montanhas solevadas,
Receba altivo a coruscante aureola
Das mãos da fera Parca descarnadas !

S. Paulo.

A UM NARIZ

Você perdôe,
Nariz nefando,
Que eu vou cortando
E ainda fica nariz em que se assor.

G. de Mattos.

Ahi vai, leitores,
Um monstro esguio,
Que em corropio
De uma rua tem posto os monadores.

Mayor que a prôa
Da não de linha,
Tem camarnha
Aonde é tarde se obumbra a tocha eoa,

Rinoceronte
De tromba enorme,
Mais desconforme
Do que o mero, a baleya, o catodante

Nariz bojante,
Recurvo e longo,
Que lá do Congo
Alcança o Tenerife e monte Atlante

De raça slava
Tremenda espiga,
E ha quem diga
Que n'ella Poliphemo cavalgava,

Nariz alado,
De côr bringela,
Que de pinguella,
Serviu no amasonas celebrado.

E se não mente
A tradição,
De lampeão
Fazia n'um pharol da Lybia ardente.

Nariz de pão,
Com tal composto.
Que sobre o rosto
Tem fórma de bandurra ou birimbáo.

Cavado e torto,
Formal tripeça,
Fundido á pressa
Nas forjas de Vulcano—por aborto,

Nariz de forno,
De amplas badanas,
Que mil bananas
Aloja em cada venta, sem transtorno.

E' tam famoso
O tal nariz,
Que por um triz
Não fez parte do cabo tormentoso.

Qual catatão
Da testa pende,
E alguém intende
Ser ninho de coruja ou picapão.

Nariz de barro,
Mas não cosido,
Que suspendido,
Sobre as grimpas da lua vai de esbarro.

De quanto fiz
Não se enraiveça;
Não enrubeça.
Que p'ra dar e vender sobra nariz.

UMA ORCHESTRA

Por certa cidade
Sósinho vagando,
Ao morbido corpo
Allivio buscando :

Accorde harmonia
Ao longe escutei,
E aos dulios accents
Meus passos guiei.

Além, n'uma rua,
Em casa antiquada,
Diviso ao luar
De Euterpe a morada.

A' ella me chego,
Com gesto tardio

Por entre as janellas
Os olhos enfio.

Mas eis que diviso
Um velho zangão,
Zurzindo raivoso
No seu rabecão.

Marcava o compasso
A pausa empinava,
Que, em clave de *bufo*,
Confuso roncava...

Mexia-se todo,
Fazendo caretas;
As ventas fungavão
—Sonantes trombetas.

Na vasta batata,
Que tem por nariz,
Formára seu ninho
Crescida perdiz.

Sobr'ella, de encaixe,
Luzindo se via
A vitrea *cangalha*
Que a vista auxilia.

N'um lado da penca,
Emalto de *degráo*,
Serenamente cantava
Audaz Picapáo.

Da lucta cansado,
Tremendo e suando,
A bola afrescava
Pitadas tomando.

As grossas c'ravelhas
Ligeiro torcia,
Na banza afinada
De novo zurzia.

—Sentada n'um canto,
Bochechas inchadas,
De solfa na frente,
Em notas pausadas,

De venta enfunada,
Com ar de Sultão,
A dona da casa
Tocando trombão!

•
—Formosa deidade,
Galante Cyprina,
—Vestida á romana—
Trajando batina,

Tapava os suspiros
De seu clarinete,
Soprando com furia
D'um anglo paquete!

A filha mais velha
Do tal Coripheo,
Que em flauta d'um tubo
Tem fama d'Orpheo,

Melliflua tocava
No seu canudinho,
A menos preludios,
Lundú miudinho.

A outra, segunda,
Dione formosa,
Impando as bochechas,
Possante e raivosa

Berrava na trompa,
Qual doida *Avertana*,
Mão-dentro, mão-fóra
Da rasa campana!

Ridente menina,
Que um lustre contava,
Roliça baqueta
Airosa empunhava.

Nos pratos batia,
Malhava o zabumba,
N'um moto continuo
De *bumba-catumba!*

No meio da bulha,
Que os ares feria,
O velho, de gosto,
Contente sorria.

A testa esfregava
Co'a dextra enrugada,
Nas largas *ventrechas*
Sorvia a pitada.

Com voz de soprano
Fazendo tregeitos,
Alegre exclamava,
Battendo nos peitos:

—Maestros famosos
“Da Grecia não temo,
“Nem Chinas ou Persas
“Da raça do demo.

“A’ todos confundo
“Com meu rabecão,
“Que ronca e rebrame,
“Qual fero trovão!

“Ferindo estas cordas
“Bezerros imito,
“Grunhido de porcos,
“Berrar de cabrito:

“Zurzidos de burros
“Miados de gato,
“Coachados de sapos
—Em tom pizzicato—.

“Oh vinde Maestros
“Da Italia e da França,
“De passo ligeiro
“Dançar contradança!

“Oh vinde Aritino,
“Mozart e Rossini,
“Deixando a rabeca
“Tambem Paganini!

“Que todos patetas
“Aqui ficarão,
“Ao som retumbante
“Do meu rabecão!

— Toquemos meninas,
“Faceiras Camenas,
“Valsitas, quadrilhas
“Nas brandas avenas.

“E todos alegres,
“Vibrando o compasso,
“Os nomes gravemos,
“Na lyra d'um Tasso!...”

O GRANDE CURADOR DO MAL DAS VINHAS

Cesse tudo quanto a antiga musa canta,
Que outro valor mais alto se alevanta!

Camoens.—*Lus. Cant. 1.*

Cá do antro negregado em que eu habito,
Envolto na pobreza que me opprime;
Da fatal ignorancia ao duro peso,
Qual o réo que commette horrendo crime.

**Ao mundo não lembrado, como a sombra
De ignorado Pastor em ermos valles;
Soffrendo da miseria atroz revezes,
Do meu fado curtindo acerbos males:**

Prostrado á somnolencia que domina
A' turba dos mortaes assim rendidos,
De repente desperto ao som medonho
De brados estridentes—alaridos!

Impavido, correndo, me encaminho,
Em busca do successo não cuidado,
Que, os ares atroando, se annuncia,
Qual fero Adamastor, bramindo irado!

A' trancos e barrancos, tropeçando,
De subito deparo frente a frente,
—Não de susto fallece comovido,
Com feyo, desgrenhado e sujo Bronte!

Era hirsuta a melena, esfiapada,
Que nos hombros vergados se esparzia;
A boca retorcida, os dentes verdes
Rotunda era a cabeça, mas vazia.

Trajava uma casaca que invejára
Um *judas*, ou magriço Gafanhóto,
Presente que lhe dera, em despedida,
O seu velho patrão, que era piloto.

Com denodo, montava, um gran tonel,
Tinha frente, de parras, enfeitada;
Empunhando na dextra uma seringa,
E na sextra uma vinlia, já curada.

Diante do heroe vinham, saltando,
Uma chusma de Bacchos, de cornetas;
Tambem vinha Priapo, enfurecido,
Entre velhas zanagas, e cambétas!

D'espanto dominado, lhe pergunto:
Quem és tu, ó mortal, que assim caminhas?
Responde-me o colosso, inzano e forte:
“O grande curador do mal das vinhas!!“

E soprando-me a testa, d'improviso,
Por pouco me não deixa sem juizo!
Aos ares se elevou, empavesado,
As abas da casaca abrindo ouzado;

E, logo que da terra se apartou,
Sobre as nossas cabeças espalhou:
Um chuveiro de annuncios, em gazettas,
Retumbantes artigos, grossas petas;
A capa-rosa, a galha, a t'rebentina,
Essencia de tabaco, e de quinina;
Pontinhas de charutos, já fumados,
Ratos mortos, em vinho conservados;
Pomposos elogios, em jornaes,
Sementes p'ra o fabrico de animaes:
Um tractado das cousas reunidas,
E mais outras cousitas esquecidas!
Nem Cesar, Bonaparte, nem Mavorte,
E outros em quem poder não teve a morte,
Egualam. no saber, o pregoeiro,
Que das vinhas se acclama—curandeiro.
Por elle se esqueçam os humanos
De Assyrios, Persas, Gregos e Romanos
—Que nas grimpas da gloria repimpado
Um abraço vai dar no sol dourado.

PACOTILHA

Não ralhem, não façam bulha,
Que eu não sei se isto é pulha.

(Polka)

Se vive á janella
Moçoila gorducha,
Qual freira capucha,
Mirando o janota;
Fazendo tregeitos.
De lenço abanando.
O olho piscando —
E' tola, idiota

Se meiga donzella.
D'amor delirante.

Em labios de amante
Segura se faz ;
Poem fé no magano,
Lá cede um beijinho,
Mais outro abracinho—
Está no carcaz. . . .

Se velha caduca,
De face rugosa,
Pretende anciosa
Gentil namorado ;
Com feyas caretas
O dente arreganha,
Suspira, por manha—
E' triste peccado.

E tendo na bocca
Postiço teclado,
Com cera pegado,
Que joga e chocalha,
Das moças critica,
Com sanha de furia,
Banindo a luxuria—
Não passa de gralha.

Se tolo basbaque,
Em prosa maçante
Julgando-se um Daute,
Se torna *poeta* ;
Sem estro e sem tino,
De amor em furores,
Só falla das flores—
Precisa dieta.

E tendo na cara
Trombudo focinho,

Qual porco de espiuho,
Se faz namorado:
Mettido em funduras
Lá geme, e suspira,
Qual fero Tymbira—
E' asno chapado.

Se guapo marido,
Rapaz de bom gosto,
Vai pelo sol posto
Jogar sen pacáo;
Deixando a *metade*,
Contente, alegrinho,
Não vê que o visinho....
Coitado, é *patáo!*

Mas sendo avesado
A' tal brincadeira,
Quindim, frioleira,
Lhe chana—brejeiro—
Na phrase do mundo
Não passa por tolo;
Tem frente e miolo
De manso Cordeiro.

Se tropego velho,
De queixo cahido,
Dengoso rendido,
Com moça se liga:
Lá quando mal cuida
Na frente lhe saltam,
Relevos que esnaltam,
Em fórma de esniga.

Se *rapa* o que pôde
Finorio empregado,

Campando de honrado,
Cuidando que brilha;
Em dia aziago
Tropeça, baqueia,
E vai, na cadeia,
Juntar-se á quadrilha.

Se impinge nobreza
Brutal vendilhão,
Que sendo *Barão*
Já pensa que é gente;
Aquelles que o viram
Cebolas vendendo,
Vão sempre dizendo—
Que o lorpa é demente.

Se em peitos que fervem
Infamias tremendas
Avultam commendas
E premios de honor;
E' que, com dinheiro,
Os rudes cambétas
Se levam das tretas
E mudam de *côr*.

Se fino larapio
De vicios coberto,
Com fôros d'esperto,
De honrado se acclama;
E' que a ladroeira,
Banindo o criterio,
Firmou seu imperio
C'o *gente de fama*.

Se audaz rapinanto,
Fidalgo ou Barão,

Por ser figurão,
Triumpho da Lei;
E' que ha Magistrados
Que empolgam presentes
Fazendo innocentes
Os manos da grey.

Mulato *esfolado*,
Que diz-se fidalgo,
Porque tem de galgo
O longo focinho;
Não perde a *cutinga*,
De cheiro fallace,
Ainda que passe
Por brazeo cadinho

E se eu que *protecio*,
D'Angola oriundo,
Alegre, jucundo,
Nos meus von cortando;
E' que não tolero
Falsarios parentes,
Ferrarem-me os dentes,
Por brancos passando.

COLLEIRINHO

Assim o escravo agrilhado canta.

Tibulo.

Canta, canta Colleirinho,
Canta, canta, o mal quebranta;
Canta, afoga magoa tanta
N'essa voz de dôr partida;
Chora, escravo, na gayola
Terna esposa, o teu filhinho,
Que, sem pae, no agreste ninho
Lá ficou sem ti, sem vida.

Quando a roixa aurora vinha
Manso e manso, além dos montes,
De oiro orlando os horisontes,
Matisando as crespas vagas,

— Junto ao filho, á meiga esposa
Docemente descantavas,
E na luz do sol banhavas
Finas penas—n'outras plagas.

Hoje triste já não trinas,
Como outi'ora nos palmares ;
Hoje, escravo, nos solares
Não te embala a dnlia brisa ;
Nem se casa aos teus gorgeyos
O gemer das gotas alvas
—Pelas negras rochas calvas—
Da cascata que deslisa.

Não te beija o filho teu,
Não te inspira a fonte amena,
Nem da lua a luz serena
Vem teus ferros pratear.
Só de sombras carregado,
Da gayola no poleiro
Vem o tredo captiveiro,
Magoa e prantos acordar.

Canta, canta Colleirinho,
Canta, canta, o mal quebranta ;
Canta, afoga magoa tanta
N'essa voz de dor partida ;
Chora, escravo, na gayola
Terna esposa, o teu filhinho,
Que sem pae, no agreste ninho
Lá ficon sem ti, sem vida.

RETRATO

SONETO

E' renga, *magricela* e presumida,
Com pelle de muxiba engrovinhada:
O corpo de sumaca desarmada,
A cara de *muafa* mal cosida;

A perna de forquilha retorcida,
Os hombros de cangalha um tanto usada;
A bocca, de ratoens grata morada,
Maçante na conversa e mal soffrida;

Senhora de um leproso cão rafeiro,
Que, querendo passar por mocetona,
Se bezunta com sébo de carneiro;

Vestida é saracúra de japona,
De feya catadura, e de mão cheiro,
Eis a chòca perúa da Amasona.

Á UM VATE ENCYCLOPEDICO

Quiz um joven marchar, só por mania,
Das lettras pela senda trabalhosa;
Diz-se—Vate, mas prenda tam famosa
Ninguem nos versos seus a descubria.

Começa a dar patada, e tam bravia,
Que logo (alçando voz imperiosa)
Lhe brada a Natureza: *Chega á prosa!*
E o maldito a encostar-se á poesia!

(F. X. de Novaes. —*Sonet.*)

Qual cratera lançando lava ardente,
De Pompeia tragando a pobre gente,
Novo Anibal os mares agitando,
Arbustos penedos derrubando.

Argentino Quixote se apresenta
Com bullia que as cabeças atormenta!
E' Doctor em sciencias sociaes,
Conhece toda casta de animaes;
Em direito, supplanta o *Savigny*,
Mòrmente quando toma a—*Paraty*;
E nos fastos da gran philosophia
Diz taes cousas que as carnes arripia!

Da Medicina o novo *Chernoviz*,
Faz charopes, do ferro tira o giz!
E, invadindo as *bayas* do Parnaso
O lugar conquistou do tal Pegaso!
A sabença nos *cascos* se lhe aninha,
E' por todos chamado o—Dom Fuinha;
E da torva montanha da cachóla
Pende a velha e sedição c'raminhola!

Um taful que encarou o tal portento
Affirma que o coitado era jumento;
E querendo provar o que dizia,
Mostrava uma castrada poesia:
D'asneiras enchurrada furibunda
Onde o erro fallaz superabunda:
Era prosa sedição, mui safada
Asneira sobre asneira amontoada!
E no fim da maçante frioleira
A firma do gran vate—babuzeira.

Correu, em peso, a sabia Academia,
Para ver o planeta que luzia;
Tambem veyo a Policia, a Medicina,
Discutir tanta asneira em sabbatina!
Miraram do alto a baixo o *sacripante*
E vendo que o maroto era pedante,
Na barca de Caronte o encaixaram,
P'ra casa dos orat's o mandaram.

Lá se foi o talento desmedido,
Todo o povo deixando espavorido,
Habitar os saloens d'um hospital
Onde cura terá para o seu mal.

NO ALBUM

DO SNR. CAPITÃO JOÃO SOARES

Escrever n'um Album!... Credo!
Expor-me á critica austera!
E se um douto me impozera
Pena de longo degredo!
Nada... nada, tenho medo
De ir a alguém desagradar;
Não ponha o meu nome a par
Dos que tem estro e sciencia;
Amigo, tem paciencia:
Quem não tem não póde dar.

(F. X. de Novaes.)

Que o seu pobre servidor,
Manda Vossa Senhoria,
Empunhando leve pluma,
Seja feito um escriptor!

E, qual Nume antipotente
Que domina os elementos,
Mostre, aqui, do encanto a força
Exhibindo altos talentos!

Nas trevas luctando,
Sem estro, sem guia,
Guindado na prosa.
Sem ter poesia;

Não sei como possa
Tal mando cumprir.
E da brincadeira,
Já quero me rir.

No Album do Vate
Bem quero escrever;
Mas como fazel-o
Sem nada saber?

Metter-m'a abelhudo
Em cousas d'alcance,
Fazer traquinadas,
Soffrer algum trance?

Dizer asneirólas,
Sediças maçadas;
Borrando o papel
Com phrases safadas?

Curvar-me ás dentadas
De certos pedantes,
Qu'em versos e rithmas
Sam mesmo uns Atlantes?!

Nada, nada, meu Senhor,
Não cahio n'essa esparrella;
Não quero que o mundo diga—
Que o Luiz é tagarella.

Não tenho sabença,
Não campo de autor;
Apenas me conto
Por um fallador.

Das linguas extranhas
Nem-uma aprendi,
Em nosso idioma
Sou—*Kikiriki*.

De Euclides--os riscos,
De Schiller—a historia,
Se os li foi por brinco,
Não tenho em memoria,

E, demais, alem de tudo,
Da eschola salii mui rudo.

Se, por desenfado,
No meu triste lar,
Com pennas e tinta
Me ponho a brincar;

Se accaso uma ideia,
Que vaga perdida,
Da minha cachóla
Faz sua guarida;

Se astuto demonio,
Finorio birbante,

Soprando na testa
Me faz delirante ;

E si dominado
Por esse rabbino,
Algumas sandices
Escrevo, sem tino,

Depois reflectindo
No fófo aranzel,
Em mil pedacinhos
Eu faço o papel.

Por mais que forceje
Não posso escrever;
Quem vir este livro
O que ha de dizer?

Chamar-me pateta,
Por grande favor;
E dar-me patente
--De máo palrador.

Se for *litterato*
Farçola, brejeiro,
Himpendo dirá:
Sempre é sapateiro.

Mas eu que conheço
Mesquinho que sou,
Da minha *fachada*
Desfructes não dou.

Supplico de vós.
Meu caro senhor,

Não queiraes o mal
Do triste cantor,

—No album do Vate
De grande saber,
Um pobre tarelllo
Não pode escrever.

Janeiro—1859.

A UNS COLLARINHOS

Era na estação calmosa,
De novembro o mez corria,
E da tarde as horas sette
Da Sé no bronze batia.

Já do sol o clarão frouxo
Desmaiava no horizonte,
E penumbro se esparzia
Pelas simeiras do monte.

Das trevas a soberana
Desdobrava o palio escuro,
E dourada luz diurna
Nas alpes pairava a duro:

Quando á nós se dirigiram
Trez marceiros mel' gaudios,

Bellos, dengues, adamados,
Ricos, nobres e chibantes.

De entre os trez um, que gamenho
Se-amostrava com vigor,
Era um lindo figurino,
Com luxo, garbo e primor.

Oh! que par de collarinhos!
Grita, ao vel-o, um capadocio,
Vem pendentes do cachaço
D'aquelle pobre beocio!

Cala a bocca, tagarella,
Exclamou mais um terceiro,
—Aquillo que vez é fronha,
Vestida n'um travesseiro!

Alto lá! bradei altivo,
Fóra, a bulha, isto é sophisma;
Nam é fronha, sam manipulas
Que o prelado usa no chrisma.

Ou segundo o Cobarrubias,
Que é jurista de quilate,
Sam as pernas das ceroulas,
Do gorducho do *Mirati*,

E si turram na disputa,
Semilhante ao grande Evandro,
Provarei que sam as folhas
Do projecto do Timandro.

Ou conforme outros autores,
Que nos vem de barra-fóra,
Fraldas sam de ampla camisa,
Ou angoas de Senhora.

SEREI CONDE, MARQUEZ E DEPUTADO

Pelas ruas vagava, em desatino,
Em busca do seu asno que fugira,
Um pobre paspalhão apatetado,
Que dizia chamar-se — *Macambira*.

A todos perguntava se não viram
O bruto que era seu, e *desertára*;
Elle é serio (dizia), está ferrado,
E tem branco o focinho, é *malacára*

Eis que encontra postado n'uma esquina,
Um esperto, ardiloso capadocio,
Dos que mofam da pobre humanidade,
Vivendo, por milagre, em santo ocio.

O' lá, senhor meu amo, lhe pergunta
O pobre do matuto, agoniado :
“Por 'aqui não passou o meu burrego,
“Que tem russo o focinho, o pé calçado ?“

Responde-lhe o tratante, em tom de mófa :
“O seu burro, senhor, aqui passou,•
“Mas o guapo Ministro fel-o presa,
“E n'um parvo *Barão* o transformou !“

O' virgem Santa ! (exclama o tabaréo,
Da cabeça tirando o seu chapéo)
Se me pilha o Ministro, n'este estado,
Serei Conde, Marquez e Deputado !... .

OS GLOTOENS

Que os gazeos olhos pela mesa espalha
Por ver se ha mais comer que tire ou peça,
Entrando n'elle com tal fome, e pressa
Qual faminto frizão em branda palha;

(N. Tolentino.—*Soneto.*)

Oh tu quadrada Musa impavesada,
Soberana rainha da papança,
Borrachuda matrona insaciavel
Que tens o corpo pingue, larga pança;

Oh tu arca bojuda que resguardas
O profuso fardel das comidelas;
Amas-ona terrivel, devorante
Té capaz de engolir mil caravelas

Esganiça o pescoço longo-estrito,
Em linha poem os teus animalejos,
Os horridos abutres, feyos lobos,
Porcos, gallinhas, gatos, percevejos.

Vem á triste morada do trovista
Um canto-lhe inspirar que cheire a bife,
Para a fama elevar dos lambareiros
Sobre as grimpas do monte Tenerife.

Vem filha do pincel do grande Alciato
Dourar os versos meus que, descorados,
Não podem atrahir Leitores sabios,
Amantes da lambança e bons guizados.

Derrama n'estas linhas desbotadas
O perfume odorante de linguiça,
Do payo portuguez, do bom salame,
Que a fome desafia, e nos atiaça.

Transmuda o negro véo da escuridão,
Que a vista me detem, cerrando os olhos;
Um quadro me appresenta em que divise
Saboroso pastel com seus refolhos.

Presuntos de Lamego, perús cheios,
Roastbifs, e leitoens, tenras perdizes,
Tostado arroz de forno, nabos quentes,
Ganços, marrecas, patos, codornizes.

Fervendo, em niveas taças crystallinas,
Espumante *Champagne*, geropiga,
O bastardo, o madeira, o porto velho—
Que tem a via lactea na barriga.

Cerveja da *godemia*, miraschino,
O licor de *Campinas*, decantado,
Que faz sua visita, pelas onze,
A' gente de focinho alcantilado.

Bojudos garrafoens, quartólas cheias,
Em linha de batalha, á romper fogo,
A' sucia comilona provocando
A gula saciar, por desafogo.

O côro das bacchantes estrondosas
Em dilirio bradando o —*evohé*;
N'um canto á negra morte *esbornuada*,
Tomando na a pitula de rapé.

Fortalece meu estro, oh grande Musa,
Estende os cantos meus pelo Universo,
Que um hymno á teus alumnos se consagre,
Se tam sublime preço cabe em verso!

Dos glotoens jê cadentes leyo a fama
Nas paginas de um livro *quincentista*;
Vejo a gula anolando as ferreas garras,
Para em guerra teraz fazer conquista.

E's tu valente Clodio — o fero Anibal
Que rompendo na frente dos papoens,
Vais mostrar a potencia garguata
Dos xepes da *bebunça*, comiloens.

Referencia — João Macedo, autor de nota,
Que só tu n'uma ceia chupitaste
De saberosos figos uns quinientos
Além de dez melões que inda n'estaste.

E, para terminar o tal repasto,
De tordos seis dezenas consumiste,
Do fructo da videira vinte arrateis,
Com mais ostras quarenta que engoliste.

Melon Crotoniense, por basofia,
Um touro devorou, de quatro annos;
Theogenes tambem, famoso atleta,
Por aposta comeu tres bois cabanos.

E Phago, em lauta mesa—á custa alheia,
Transportou para a pança tres leitoens,
Dous carneiros, um ganço, um javali,
De senteio cem paens, quatro meloens.

Mithridates, honrou com pompa e cultos
Os vivos sorvedouros ambulantes,
Com premios distinguiu canina fome,
Dos avidos abutres devorantes.

Cambyses, rei da Lydia, em certa noute,
Atracou-se á consorte com tal gana,
Que a metheu inteirinha no bandulho,
Como quem imbutia uma banana!

O ebrio Philoxeneo lamentava
Um pescoço não ter de braças mil,
Onde o vinho corresse a pouco e pouco,
Como corre das pipas n'um funil.

A fecunda Bretanha viu, com pasmo,
Um filho d'essa Roma armipotente,
Que de seixos comia cinco arrateis,
Um bóde semi-morto, e meyo quente.

E tam feya a garganta se mostrava,
Que em horror excedia uma cratera;
E tam forte o appetite que nutria,
Que a si proprio comera, si podera!

Outros muitos heroes refere a historia,
Que deixo de narrar, por carnuchosos,
De feitos singulares, tam tremendos,
Que os guerreiros deslustram mais fumosos.

Desdobre-se a cortina bolorenta
Sobre os nomes dos filhos lá da *extranja*;
Repimpem-se no templo da victoria
Os brasileos heroes que comem *canja*.

Vinde, ó Nymphas cheirosas dos outeiros
De nocturnas essencias perfumadas
Mimosas cavalgando urbanos *tygres*.
Os nomes burrifar-lhes; vinde, oh Fadas!

No vasto pantheon quero que brilhem
Os lucidos *varoens* do meu paiz;
Em tela de algodão pintados sejam,
Com bõrra de café, agua de gíz.

Ethereo Caravagio trace as linhas
Dos comiloens de rubidos toureiros,
Que o tonel das Danardes tem por pança
Onde cabem, sem susto, mil chouricos.

Callem-se os Celtas, Gregos, Romanos;
Silencio! oh tuba Aonia e Lusitana!
Erguei-vos, oh glótoens da minha patria;
Temos côco, cajú, temos banana!

E tu, audaz Macedo, registrante,
De ronceiras façanhas já caducas,
Vê quebrarem-se as guelas portentosas
Quaes se quebram no chão frageis *cumbucas*.

Dos Clodios e Miloens prodigios altos,
Do ebrio Philoxeneo heroicos feitos,
Sem viço, desbotados—já sem côres,
Por terra vam cahindo, em pó desfeitos.

Juncto d'elles assoma ousado e forte,
O dente arreganhando, um deputado
Que com quatro *apoiados* retumbantes
Nos cofres da Nação tem *manducado*

Um longo diplomata aparvalhado,
Com pernas d'aranhão, extenso pé,
Que na Europa se fez profundo e sabio
No trafico do fumo, e do café.

Retumbante engenheiro de compasso,
O lume encaixotando nos planetas.
Mettendo em *Capricornio Libra e Venus*—
O sonante metal chucha com tretas.

Centenas de empregados—*gente limpa*,
Que os penedos não roe, por não ter dentes,
Encaixando no fradel das comidelas
A patria reduzida a dobroens quentes.

Famintos tubaroens, sedentos monstros—
Immortaes thesoureiros d'obras pias,
Que engolem pedras, o metal devoram—
Sem que ronque a barriga em taes folias.

Os sagazes carólas d'ordens sacras,
Vigattos, andadores, sachristaens,
Que tragam n'um momento, Igreja e Santos
Sem metter na contenda os capellaens.

Oh, si Deus sobre a terra derramasse
Moedas de *quintal*, causando horror,
Inda assim saciar não poderia
A fome d'um voraz proemador!

Prestante pae da patria—*homem de peso*
Entre rato e balea—acachapado
Morde aqui, roe allí, *lambe acola*
Mette dentro do bucho o *Corcovado*.

Se quereis, ó Leitor, ver ja por terra
Cambyses, que engoliu sua consorte,
Sim, prodigio maior vos apresento—
Um Ministro vos dou—*pupul* Mavorte.

Que abusando das leis da natureza,
A' mae patria se agurra, como louco:
Chupata a pobre velha, e logo brada,
(Batendo no bandulho)—inda foi pouco!...

Deixemos pois atraz a gloria antiga,
Das potentes gargantas esfaimadas,
Hosannas entoemos furibundas
A's modernas barrigas sublimadas.

Que feitos gloriosos, d'esta laia
Gravados viverão na lauta historia,
No perfume do vinho, dos gonzados
Voarao sobre as azas da memoria.

PHARMACOPÉA

Temos pimenta,
Grato elixir,
Que os vicios cura
Sem affligir;
Tambem sementes
De dormideiras
Que impafias cura,
E frioleiras.

* *

Primores d'além se'lo, já caducos,
Focinhudas rapozas estufadas,
Vinde ao vasto armazem de Citherea,
Reformar as caraças desbotadas.

Temos carmim
Que a face enrubra,

Sem que a velhice
Fatal descubra,
Bellos chinòs—
Para as *papalvas*—
Que encobre a *cuia*,
Das que sam calvas

Para o velho que soffre d'enchaquecas—
Trovoens e pataratas de barriga,
Em secco fuzilando, sem proveito,
Para o fero Esculapio que o lustinga—

Temos seringas,
Lá do Pará,
Agua de Celtz,
Mas feita cá;
Raiz saudavel
Do almeirão,
Que cura tosse
E catarrão.

Estulta rapariga, apavonada,
Que campa de Doctora, sabichrona,
Unidando, por saber *Paulo de Kock*,
Que os fóros já não tem de toleirona.

Venha que temos,
Para lhe dar,
Rotos calçoens
Pra concertar;
Velhas ceroulas,
Uma vassoura,
Que a fama elevem
Da tal Doctora.

Matuto que se mette a saberete,
Esquecido do milho e das abob'ras,

Não sabendo escrever seu proprio nome,
Arrota que tem lido grandes obras—

Oh! para este
Temos arreio,
Albarda, esporas,
Cabresto e freio ;
E si contente
Senão mostrar,
Rebenque n'elle,
Toca a marchar.

Marido que a consorte não recata,
Entregue ao desvario, ao desatino;
Que na pandega alegre não repara,
A figura que faz de—*Constantino*—

Tem sortimento,
Já reservado,
Grinalda e gorra,
Chapéo-armado ;
Barrete, á moda,
Com dous raminhos,
Para descanso
Dos passarinhos.

Para as damas perluxas d'alto bordo,
Que servem, nos saloens, de figurinos,
Enfeitadas bonecas de vidraça
Que alucinam os *Vates colibrinos*—

Lindos toucados
De seda fina,
Tendo na frente
Alva cortina ;
E outros muitos
Com reposteiros,

Que tambem servem
De mosquiteiros.

Para as *bellas* amantes do *postigo*,
Que mettem barbatanas pela saia,
Onde o vento bregeiro, remexendo,
Deixa ver as perninhas de lacraia—

Temos *balcons*,
Torcida a gaz—
Estopa grossa
Com agua-raz;
E de farólos
Um travesseiro,
Para enfunar
O alcatreiro.

Para o tolo mancebo desfrutavel,
Que cem moças namora de pancada
E julgando-se Adonis na belleza,
De perfumes se *borra*, e de pomada—

Casa de orates,
Dieta a bichas,
Craneo rapado,
Lambadas fixas;
Camisa longa,
Purga de sal;
Que a bóla afresca,
E cura o mal.

P'ra o torpe jornalista que não sente,
A penna mergulhada na deslombra;
E de vícios coberto, o saltimbanco,
Só tracta de cuspir na allieja honra

Prudencia e tino,
Criterio e sizo;
Tambem vergonha,
Si for preciso:
E se esta dóze
Lhe não bastar
Um bom cacete
Para o coçar.

Para os finos garotos, e filantes
De cigarros de palha, ou de charutos,
Que levam noute e dia a pedinchar,
De carinha lavada, e muito enchutos—

Um—já não tenho—
Aos taes *flauderios*,
Que o mais é bucha—
Fóra gauderios!—
E si teimarem
Com tal clincar,
Um *quebra-queixos*,
P'ra os desmamar.

Para os velhos carólas, marralheiros,
Que affectam de santinhos—só de dia;
E sendo noute velha—encapotados,
Não resistem de amor á fanfurria—

Cheiroso banho,
D'alta janella,
Que os ponha a trote,
Fugindo d'*Ella*;
Topada e queda,
Nariz quebrado,
Um bom vergalho,
Mas bem puchado.

Para o filho de pae agonçalado,
Sem brio, sem saber, sem criação;
Que os velhos venerandos não respeita,
Entre ovelhas mostrando-se leão—

Quartel, chibata,
Marinha ou praça,
Que um cordeirinho
O lobo faça;
E si o tratante
Não for barão,
Morada gratis
Na Correccão.

P'ra o ancho protector das lettras patrias,
Mais cacório que o chisme—*no fintar;*
E que cheio *d'oral* filantropia,
Os impressos chupita, sem pagar—

Um sancto breve,
Uma defeza;
Um *patuá*
Contra a esperteza;
E si o maçante
Inda insistir,
Sebo nas pernas—
Toca a fugir.

Para o genio sagaz de um *pae da patria,*
Amante da pobreza desvalida,
Que *lambisca* aos patetas o que póde,
E lá mette n'aljaba fermentida—

Uma denuncia
Com documentos,
Onde as *ratadas*
Pulem aos centos.

Depois cadeia,
Calceta ao pé;
Que é cousa sancta
Contra o *filé*.

Mas basta; oh Musa minha, não prosigas.
D'alguem desagradar já me arreceio;
Termina, mas fallando dos trovistas,
Que malham com furor no vicio feio.

“Bebem do roixo,
“Tomam café,
“Pitam charuto,
“Cheiram rapé.
“Jogam pacáo,
“Truque, manilha;
“Quando Deus quer,
“Tambem o *pilha*.”

A BORBOLETA

Sobre a açucena,
Que no horto alveja,
A borboleta
Mansinha adeja;

Libando os pingos
De orvalho brando,
Que a nuvem loura
Vem salpicando.

Meneia os leques
Por entre as flores,
Que o ar perfumam
Com seus olores.

Mimosos leques
De cores finas,

—Tela formosa
Das mãos divinas.

Ora serena,
Pairando a flux,
Esmaltes mostra
Do brilho á luz.

Ora nas aguas
Boiando vae,
Qual folha secca
Que ao vento cahe

Ao vir da aurora
Vai do jasmim
Beijar a cutis
D'alvo setim.

Ao cravo, á rosa
Afagos presta,
—Que a aragem sopra,
E o sol recresta.

Ao pôr da tarde
Pousa em delirio
Nas tenras folhas
Do roixo lyrio.

E o fragil corpo
Em somno brando
Que embala a brisa,
Que vem soprando.

Alivio encontra
Na solidão
Até que d'alva
Rompa o clarão.

QUEM SOU EU?

Quem sou eu? que importa quem?
Sou um trovador proscripto,
Que trago na fronte escripto
Esta palavra—Ninguem!—

A. E. Zaluar.—*Dóres e Flores.*

Amo o pobre, deixo o rico,
Vivo como o Tico-tico;
Não me-envolvo em torvelinho,
Vivo só no meu cantinho:
Da grandesa sempre longe
Como vive o pobre monge.
Tenho mui poucos amigos,
Porém bons, que são antigos,
Fujo sempre á hypocrisia,
A' sandice, á fidalguia;

Das manadas de Baroens?
Anjo Bento, antes trovoens.
Faço versos, não sou vate,
Digo muito disparate,
Mas só rendo obediencia
A' virtude, á intelligencia:
Eis aqui o *Getulino*
Que no plectro anda mofino.
Sei que é louco e que é pateta
Quem se-mete a ser poeta;
Que no seculo das luzes,
Os birbantes mais lapuzes,
Compram negros e commendas,
Teem brasoens, não—das Kalendas,
E, com tretas e com furtos
Vam subindo a passos curtos;
Fazem grossa pepineira,
Só pela *arte do Vieira*,
E com geito e protecçoens,
Galgam altas posiçoens!
Mas eu sempre vigiando
N'essa sucia vou malhando
De tratantes, bem ou mal
Com semblante festival.
Dou de riço no pedante
De pilulas fabricante,
Que blasona arte divina,
Com sulphatos de quinina,
Trabusanas, charopadas,
E mil outras patacoadas,
Que, sem pinga de rubor,
Diz a todos, que é DOCTOR!
Não tolero o magistrado,
Que do brio descuidado,
Vende a lei, trahe a justiça
—Faz a todos injustiça—
Com rigor deprime o pobre
Presta abrigo ao rico, ao nobre,
E só acha horrendo crime

No mendigo, que deprime.
— N'este dou com dupla força,
Té que a manha perca ou torça.
Fujo ás leguas do logista,
Do beato e do *sachrista*—
Crocodilos disfarçados,
Que se fazem muito honrados,
Mas que, tendo occasião,
Sam mais feros que o Leão.
Fujo ao cego lisongeiro,
Que, qual ramo de salgueiro,
Maleavel, sem firmeza,
Vive á lei da natureza;
Que, conforme sopra o vento,
Dá mil voltas n'um momento.
O que son, e como penso,
Aqui vai com todo o senso,
Postoque já veja irados
Muitos lorpas enfumados,
Vomitando maldiçoens,
Contra as minhas reflexoens.
Eu bem sei que sou qual Gryllo
De maçante e mão estylo;
E que os homens poderosos
D'esta arenga receiosos
Ham de chamar-me—tarello,
Bôde, negro, Mongibello;
Porém eu que não me abalo,
Vou tangendo o meu badalo
Com repique impertinente,
Pondo a trote muita gente.
Se negro sou, ou son bôde
Pouco importa. O que isto pôde?
Bôdes ha de toda a casta,
Poís que a especie é muito vasta. .
Ha cinzentos, ha rajados,
Bayos, pampas e malhados,
Bôdes negros, *bodes brancos*,
E sejamos todos francos,

Uns plebeus, e outros nobres,
Bódes ricos, bódes pobres,
Bódes sabios, importantes,
E tambem alguns tratantes. . .
Aqui, n'esta boa terra
Marram todos, tudo berra ;
Nobres Condes e Duquezas,
Ricas Damas e Marquezas,
Deputados, senadores,
Gentis-homens, veadores ;
Bellas Damas eniproadas,
De nobresa empatufadas ;
Repimpados principotes,
Orgulhosos fidalgotes,
Frades, Bispos, Cardeaes,
Fanfarroens imperiaes,
Gentes pobres, nobres gentes
Em todos ha *meus parentes*.
Entre a brava *militança*
Fulge e brilha alta *bodança* ;
Guardas, Cabos, Furrieis,
Brigadeiros, Coroneis,
Destemidos Marechaes,
Rutilantes Generaes,
Capitaens de mar e guerra,
—Tudo marra, tudo berra—
Na suprema eternidade,
Onde habita a Divinidade,
Bódes ha sanctificados,
Que por nós sam adorados.
Entre o côro dos Anginhos
Tambem ha muitos bodinhos.—
O amante de Syringa
Tinha pello e má catinga ;
O deus Mendes, pelas contas,
Na cabeça tinha pontas ;
Jove quando foi menino,
Chapitou leite caprino ;
E, segundo o antigo mytho,

Tambem Fanno foi cabrito,
Nos dominios de Plutão,
Guarda um bóde o Alcorão ;
Noslundús nas modinhas
Sam cantadas as bodinhas:
Pois si todos tem *rabicho*,
Para que tanto capricho?
Haja paz, haja alegria,
Folgue e brinque a bodaria ;
Cesse pois a *matinada*,
Porque tudo é *bodarrada* !

O JANOTA

Sou bonito, sou da moda,
Chibantão de bello gosto ;
Sou gamenho, tenho garbo,
Porte airoso e bem composto.

Vivo alegre. passo á larga,
Tenho trinta namoradas
—Dez viuvas, seis donzellas,
Sette vellias, não casadas.

Quatro negras, cinco cabras.
Sem contar certa mulata
E a visinha, que é zanaga,
Com seu *beque* de fragata.

Ayas. amas e criadas,
Das matronas que aponteí,

Baronezas e Condessas,
E mais outras, que eu só sei.

Dos janotas sou modello,
Figurino abaloado,
Calça larga, mangas fôfas,
Cabellino bem frisado.

A luneta ao olho presa,
Sapatinho envernizado,
Casaquin a Dom Murzelo
E o *casquete* afunilado.

Faço andar em roda viva,
Mil cabeças d'alto bordo;
Mas se um vil credor esbarro,
Foge o sonho, então acórdo!

E de Rhodes qual colosso,
Fico mudo, altivo e quedo;
Ouço a lenda impertinente,
Sem fugir—como um penedo.

Após um vem grosso bando,
Este grasna, aquelle ruge,
Rosna o lorpa taberneiro,
Todo o resto orneja e muge.

Perfilando o collarinho,
Que da orelha passa além,
Corro a mão nas algibeiras,
Mas não pucho nem vintem!

Berra o criado,
Grita o barbeiro:
—Quero dinheiro!
Que frioleira!

Eu que, sem *gimbo*,
Ando pulando.
Vou me safando—
Que pagodeira!

Eis que de um canto
Salta, raivosa,
A gordurosa,
Da cosinheira;
Pede os salarios,
Falla em tomate,
—Eu, em remate,
Dou-lhe a trazeira!

Chora de raiva,
--Pobre coitada;
Fica zangada,
Que *vinagreira*!
Eu sou da moda;
Chupo o meu trago,
Como e não—pago,
—Por brincadeira.

E si ha quem diga,
Que sou tratante,
Sagaz birbante,
E' maroteira;
Porque só finto
Parvos mascates,
Mãos alfaiates,
—Por bandalheira.

Tambem, por mofa,
Logro os logistas,
Foros cambistas,
De mão ligeira;

Abellas mestras,
Ratoens livreiros,
Os sapateiros,
E a engommadeira.

Que santa vida.
Men anjo Bento,
Oh que portento,
Que pepineira!
Sempre folgando,
Sem ter cuidado,
Ser namorado,
—Que pagodeira!

Quem deve e paga
Não tem miolo,
E' parvo, é tolo,
Não tem bom tino.
Viva a chibança,
Va de tristeza,
Morra a pobreza,
Que isto é divino!

LAURA

Aqui, ó Laura,
No teu jardim;
Petalas cólho
D'alvo jasmim.

D'ellas recende
Doce fragancia,
Quaes meigos sonhos
Da tua infancia.

As plumbeas nuvens,
Já fugitivas,
Os ermos buscam,
Serras esquivas.

Placida a lua
Nos Ceos alveja,

Prateia os lagos,
E as flores beija.

Aqui, ó Laura,
Teus olhos garços,
Na limpha clara,
Nos Ceos esparsos,

Languidos brilham
Nestas estrellas,
Que as brandas ondas
Retratam bellas.

Na cór da rosa,
A' luz da lua,
Risonha vejo
A face tua.

Carmineos labios
Nos rubros cravos,
Que n'hastea pendem,
Quaes mellios favos.

Ten niveo collo
—Na estatua erguida
Do amor de Tasso
—Da bella Armida.

Na onda breve
O arfar do seio,
Que a aragem move
Com brando enleio.

Dos mal-mequeres
Aureos novellos
Os anneis fingem
Dos teus cabellos.

Da violeta
Na singeleza
Tua alma vejo,
Tua pureza.

Ergue-te, ó Laura,
Do brando leito,
Dá-me em teu peito
De amor gosar :
Um volver d'olhos,
Um beijo apenas
Entre as verbenas
Do teu pomar.

Não fujas, Laura,
Vem a meus braços,
Leva-me a vida
Nos teus abraços.

Lá surge um Anjo !
Oh Ceos, é ella !
— Estrella vesper
De luz singela !

Cobre-lhe os membros
Alva roupagem,
Que manso agita
Suave aragem.

Longos cabellos
Bellos se-estendem
E em ondas de ouro
Dos hombros pendem.

A' ella corro,
Tento abraçar-a
Recurvo os braços,
Mas sem tocar-a !

Era um Archanjo
De aereo sonho,
No ar perdeu-se
Ledo e risonho.

Laura formosa
No leito estava,
Dos meus lamentos
Só desdenhava.

Já a luz do dia
Renasce além,
De balde espero,
Laura não vem.

Não teem meus versos
Belleza tanta,
Que ouvil-os possa
Quem tudo encanta.

N'aquelle peito
De olente flor,
Paixoens não entram,
Não entra amor.

Era uma estatua—exemplo de belleza,
E como ella de marmor tinha o peito!

QUE MUNDO É ESTE?

Que mundo? que mundo é este?
Do fundo seio d'est'alma
Eu vejo... que fria calma
Dos humanos na fereza!
Vejo o livre feito escravo
Pelas *leis* da prepotencia;
Vejo a riqueza em demencia
Postergando a natureza.

Vejo o vicio enthronizado;
Vejo a virtude cahida,
E de coróas cingida
A estatua fria do mal;
Vejo os traidores em chusma
Vendendo as almas impuras,
Remexendo as sepulturas
Por preço d'aureo metal.

Vejo fidalgos d'estopa,
Ostentando os seus brasoens,
Feio enxerto de dobroens
Nos troncos da fidalguia;
Vejo este mundo ás avessas,
Seguindo fatal derrota,
Em quanto farfante arrota
Podres grandezas de um dia!

Bronzea estatua—o rico surdo
Aos tristes ais da pobreza
Amostra com vil rudeza
Uma burra aferrollada;
Manequim de estupidez
No orgulho vão da cubiça
Tem por divisa sediça
—Alguns vintens e mais nada.

O poder é só dos Cresos,
A sciencia é de encommenda;
Sem capital e sem reuda
Com pouco peso—o que val?
Talentos--palavroens ócos!--
Que nunca deixaram saldo;
Não ha substancia no caldo
Que não tempera o metal!

Sisudez... que feia masc'ra!
Isso é peste, isso é veneno!
Si é pobre, nascen pequeno,
Quem aspira a posição?!Não vê que é grande toleima
Querer subir sem moeda,
Pois não escapa da queda
Quem teve um leito no chão!

Que se impertigne enfunado
Algum sandeu que traz marca.

Reparem que a bisca embarca
Que leva á véla o batel!
E o povo que o vê fulgindo
Com lantejoulas brilhantes
Não olha p'ra o que foi dantes,
E nem lhe enxerga o xarel!

E o mais é que zune e grasna
O patéta aparvalhado!
Parece que é deputado
Os Ministros fulminando;
Grita, berra, espenoteia,
Calumnia, faz intriga,
Mas logo falla a barriga,
E vai a teta chupando!

Digam lá o que quizerem,
Falle embora o maldizente;
Eu bem sei que tudo mente,
Sei que o mundo tem razão;
Si eu tivesse na algibeira
Alguns cobres, que ventura!—
Mudava o nome, a figura,
Ficava logo—*Barão!*

O BARÃO DA BORRACHEIRA

Quando pilho um d'esses *nobres*,
Ricos só d'aureo metal
Mas d'espírito tam *pobres*
Que não possuem real,
Não lhes saio do costado,
Sei que é trabalho baldado,
Porque a pelle dura tem;
Mas eu fico satisfeita,
Que o meu ferrão só respeita
A virtude, — mais ninguem!

(F. X. de Novaes. *A Vespa*.)

Na Capital do Imperio Brasileiro,
Conhecida pelo—Rio de Janeiro,
Onde —manha, grave enfermidade,
Já não é, como d'antes raridade;

E qualquer paspalhão endinheirado
De nobreza se faz empanturrado—
Em a rua, chamada, do Ouvidor,
Onde brilha a riqueza, o esplendor,
A' porta de hum modista, de Paris,
Lindo carro parou—Numero—X—,
Conduzindo hum volume, na figura,
Que diziam, alguns, ser creatura,
Cujas fôrmas mui toscas e brutaes
Assemelham-n'a brutos animaes.
Mal que da sege salta a raridade
Retumba a mais profunda hilaridade.
Em massa corre o povo, apressuroso,
Para ver o volume monstruoso;
De espanto toda gente amotinada
Dizia ser cousa endiabrada!

Huns affirmam que o bruto é um camello,
Por trazer no costado cotovélo,
E' asno, diz um outro, anda de tranco,
Apezar do focinho d'urso-branco!
Ser jumento aquelle outro declarava,
Porque longas orelhas abanava.
Recresce a confusão na intelligencia,
O bruto não conhecem *d'excellencia*.
Mandam vir do Livreiro Garnier,
Os volumes do Grande Couvier;
Buffon, Guliver, Plinio, Columella:
Moraes, Fonseca, Barros e Portella;
Volveram d'alto a baixo taes volumes,
Com olhos de luzentes vagalumes,
E d'esta nunca vista raridade
Não poderam notar a qualidade!

Vencido de roaz curiosidade
O povo percorreu toda cidade;
As caducas pharmacias, livrarias,
As boticas, e vans secretarias;

E já todos a fé perdido tinham,
Por verem que o brutal não descobriam,
Quando ideia feliz, e luminosa,
Na cachóla brilhou d'um *Lampadoza*;
Que excedendo em carreira os finos galgos,
Lá foi ter á *Secreta dos fidalgos*;
E dizem que encontrara registrado
O nome do colosso celebrado:
Era o grande *Barão* da borracheira,
Que seu titulo comprou na *regia-feira!*...

A CAPTIVA

Nos olhos lhe mora,
Uma graça viva
Para ser senhora
De quem é captiva.

Camoens.

Como era linda, meu Deus!
Não tinha da neve a côr,
Mas no moreno semblante
Brilhavam raios de amor.

Ledo o rosto, o mais formoso
De trigueira coralina,
De Anjo a bocca, os labios breves
Cór de pallida cravina.

Em carmin rubro engastados
Tinha os dentes crystallinos;
Doce a voz, qual nunca ouviram
Dulcis bardos matutinos.

Sens ingennos pensamentos
Sam de amor juras constantes:
Entre a neve das pestanas
Tinha dous astros brilhantes.

As madeixas crespas, negras,
Sobre o seio lhe pendiam,
Onde os castos pomos de ouro
Amorosos se escondiam.

Tinha o collo assetinado
—Era o corpo uma pintura—
E no peito palpitante
Um sacrario de ternura.

Limpida alma— flor singela
Pelas brisas embalada,
Ao dormir d'alvas estrellas,
Ao nascer da madrugada.

Quiz beijar-lhe as mãos divinas,
Afastou-m'as—não consente;
A seus pés de rojo puz-me,
—Tanto póde o amor ardente!

Não te afastes lhe supplico,
E's do meu peito rainha;
Não te afastes, n'este peito
Teus hum throno. mulatinha!...

Vi-lhe as palpebras tremerem,
Como treme a flor louçan,
Embalando as niveas gotas
Dos orvalhos da manhan.

Qual na rama enlanguecida
Pudibunda sensitiva,
Suspirando ella murmura:
Ai, senhor! eu sou captiva!...

Deu-me as costas, foi-se embora
Qual da tarde ao arrebol
Foge a sombra de uma nuvem
Ao cahir da luz do sol.

SONETO

Sob a copa frondoza e recurvada
De enorme gamelleira, Secular,
Sentado n'uma úfa a se embalar
Estava certa moça enamorada.

Eis que róla dos ramos inflamada
Tremenda jararaca a sibilar;
Fica a joven na corda, sem parar,
Como a Nympha de amor electrizada!

Anjo Bento! exclamaram os circunstantes;
— Foje a cobra de horrenda catadura,
Os olhos revolvendo coruscantes.

Mas a bella moçoila com frescura
N'um sorriso accrescenta—é das amantes
Nem das serpes temer a picadura.

NOVO SORTIMENTO DE GORRAS

PARA

A GENTE DO GRANDE TOM

De repente, magoado
Da carapuça maldita,
Qual possesso, o pobre grita
Contra o fabricante ousado!
Debalde o artista, coitado,
Já de receio convulso
Quer provar que nobre impulso
O move, quando trabalha!
—A carapuça que talha
Ninguem cre ser feita avulso!

(F. X. de Novaes.)

Se estudante que vive á barba longa,
Excedendo, no grito, uma araponga,
Braveja contra o *fero despotismo*,
No lethes sepultando o servilismo;

E depois, quando chega a ser doctor,
Se transforma em sedição adulator;
Permuta a consciencia por dinheiro,
E se faz, do Governo, fraldiqueiro:
Não te espantes, Leitor, d'esta mudança,
São milagres da Deusa da pitaça.

Se vires um tratante ou embusteiro,
Com tretas, illudindo ao mundo inteiro,
A todos atirando horrendo bôte,
Sem haver quem o coce a calabrote;
Se vires o criterio despresado,
O torpe ratoneiro empoleirado,
Orelhudos jumentos—de gravatas,
E homens de saber a quatro patas:
Não te espantes, Leitor, da barbaria,
Que é Deusa do Brasil a bruxaria.

Se dormim de bolor encapotadas,
Roidas do gusano, esfarrapadas,
Nossas Leis, sentinellas vigilantes
D'empregados remissos e tratantes;
Se o Jury criminal, da nossa terra,
Postergando o direito, sempre aberra
Punindo com rigor pobres mofinos,
E dando liberdade aos assassinos:
Chiton, pio Leitor, não digas nada—
A Lei, cá no Brasil, é patacoada.

Se perluxo e dengoso magarêfe,
Com passinhos de dança, *têfe-têfe*,
Entre as damas pretende ser Cupido,
Mas, chupando cudilho, sabe corrido;
Se um varão de corôa, digo, Padre,
Por obra do *divino*, c'o i comadre,
Fabrica seu filhinho, por brinquedo,
Empinge no marido—psio! . . . segredo!

E' que sobre o sachrista mais constante
Imperam os decretos de Tonante.

Se o pobre, do trabalho extenuado,
N'um dia de prazer fica *monado*;
E a ronda, que *tropeça e cambaleia*,
Encaixa o miserando na cadeia;
Se *fortes* Brigadeiros, Coroneis,
Habitam as tabernas, e hoteis;
A gente do bom tom, os Deputados,
Se *torram* e não sam encarcerados:
E' que a *pinga*, entre nós, está vedada
A'quelles que não teem góla bordada.

Se o maçante orador, estuporado,
Ardendo por chupar seu—apoiado,
Excita o appetite á parceirada;
Com sedição modestia enfumaçada
E, depois, diz que a rosa tem perfume,
Que esvoaça de noite o vagalume,
Que o tabaco se toma pelas ventas,
E que as coisas benzidas ficam bentas:
E' que a fôfa sandice, os disparates,
Empanturram a casa dos orates.

Se um tólo aparvalhado sem juizo,
Se arvora em litterato, d'improviso,
Arrota erudição—em pleno dia
Esbarra de nariz na orthographia;
E outros que nas lettras sam mofinos,
Vão mostrando ao pateta os desatinos,
Curvando-se as proverbio, mui sabido,
—*Que o farrapo se ri do descosido*:
E' que os cegos não andam pelos nobres,
Mas seguros á mão dos outros pobres,

Se o homem que nasceu p'ra sapateiro,
E em direito, pretende ser *Guerreiro*,

Sovelando de rijo no *Lobão*.

—Ferra o dente na velha *Ordenação*;
Se o lorpa que nasceu para jumento,
Não tendo cinco réis de entendimento,
Banido da sciencia, bestalhão,
Por força do dinheiro, salte *Barão*;
E' que a honra, a virtude, a intelligencia,
Não passam de estulticia ou vil demencia.

Se erudito doctor, *filosophal*,

Querendo dar noções do animal,
Nos demonstra que a pata põe o ovo,
E d'elle brota o pinto, ainda novo;
Que segundo os regimens da natura,
Differe do cavallo na figura;
E mettido entre a cruz e a caldeirinha
Vai dar co'a explicação lá na cosinha;
E' que o nescio chegou a sabichão
Por milagre da santa protecção.

Se torto alambasado palrador,

Mais tapado que *xucro borrador*,
Tosto *embroglio* tecendo impertinente,
De camello, que era, se faz gente;
E cansando os humanos com sandices,
Por verdades impinge parvoices;
Já roncando saber, qual tempestade,
Ser nas letras pretende potestade,
E' que o nescio, coitado, não trepida,
Sobre os ares formar petrea guarida.

Se esquentado patóla às Musas dado,

Vai, a esmo, trovando sem cuidado;
E cedendo aos arrobos do talento,
Mais rapido se faz que o rijo vento;
E os pólos devassando mui iampeiro,
Sustenta que Neptuno foi barbeiro;

Escrevendo tolices de pateta,
Consegue, sem o—chrisma—ser poeta :
E' que Apollo sustenta bizarria,
E cavallos precisa á estrebaria.

Eu, que inimigo sou do fingimento,
Em prosa apoquentado sem talento,
Apenas solettrando o b—a—bá
Empunho temeroso o *maraká*.
Não posso supportar fôfos *Barôes*,
Que trocam a virtude por dobrões;
Qual vespa, esvoaçando, atroz picante,
Com satyra mordaz, sempre flammante,
Picando picarei por toda a parte,
Se a tanto me ajudar ferrão e arte.

RETRATO DE UM SABICHÃO

Va de retrato
Por consoantes,
Que eu sou Timantes
De um nariz de Tocano côr de Pato.

G. de Mattos.

Telas despreso,
Liso marfim,
Rubro carmin,
Para a cara pintar do estulto Creso.

Só quero, Apeles,
Lapis grosseiro,
Negro tinteiro.
Que o lorpa que retrato é muito réles.

Em roto esquite
Traço o desenho,
Com tal empenho
Que esculpo de improviso o tal patife

Ventas de mono,
Olhar sizudo,
Altivo e mudo,
Como de quem pensar perdera o somno!

Fronte quadrada,
Tendo de espeque
Um curvo beque,
Pendente caraça mal chanfrada.

Nariz de vara,
E companhia,
Que em pleno dia
Conserva noite escura em toda cara.

Franzida a testa,
Longas beiçolas
Tem o tal bolas.
Que os lares de Minerva horrendo impesta.

Grandes orelhas
De burro velho,
E um chavelho
Sobre a colmeia de aticas abelhas.

Hirsuto o pello ;
De porco-espinho,
Lato o focinho,
Que de vacca não é, nem de camello.

Olhos vidrados
Entre altaneira
Negra viseira,
Que dous montes parecem recurvados.

Rubras bochechas,
Engorduradas,
E tam inchadas
Que parecem de mero amplas ventrechas !

Rotunda a pansa,
Azambumbada,
Que em trovoadas
Traz o gordo cetaceo—em contradança.

Pernas de croque,
Atesonradas,
E tam vergadas
Que dous arcos parecem de bodoque.

Fofo beocio,
Com ar de nico ;
Grosseiro mico
Entre os sabios mettido a capadocio,

Toma juizo.
Deixa a luneta,
Torto cambeta,
Que essa tosca figura causa riso.

Não toma esturro,
Bruto eivico ;
Larga o Rogron,
Que eu já vi de pensar molrer um burro.

Toma o conselho,
Que te hei dado;
Marcha, tapado,
Vai mirar essa cara n'um espelho.

É MANIA!

N'UM ALBUM

Ora quer, porque quer, o meu amigo,
O perluxo e dengonso Zé Maria,
Que eu mil versos troveje, retumbantes,
N'um album que possui, só por mania!

Não vê nem pensa
O caro amigo,
Que a musa esquiva
Não toma abrigo,
No teso craneo
De um máu tarélo,
Que por miolos
Só tem farelo!

Bem sei que a estupidez, de enormes patas
Qual Icaro pateta aos ares vóa,

Mas sem tino, perdida entre as esferas,
N'altas nuvens tropeça e cahe a tóa.

Assim capengas
Qualificados,
Vam rabiscando
Enthusiasmados,
Gotosos versos,
Com rheumatismo ;
Que bichas pedem,
E sinapismo.

Porém o que fazer em taes apuros,
Se o amigo reclama versalhada ?
— Traçar sobre o papel com mão singela,
O retrato da Bella, sua amada.

Potentes versos
Requer o caso,
Do grande Homero
Torquato ou Naso !
Silencio, ó Vates,
Que eu vibro a lyra !
— Cyprina treme,
E amor suspira !

Tem rosto amelloado—é pão de broa,
Nariz de funil velho acachapado,
Por sobr'olhos altivas ribanceiras,
Pescoço de cegonha esgravinhado.

Limosos dentes,
De côr incerta,
A bocca torta,
Que mal se aperta ;
Pendidos beiços,
Abringelados,
Onde o—Cazuza
Poem seus cuidados.

O corpo é um tonel empanzinado,
Por pés tem duas lanchas ou saveiros,

Por braços mastarçós sem cordoallias,
Por tetas dous terriveis travesseiros,
Tem barbatanas,
Como baleia,
Carão, enfim,
De lua cheia ;
Renga de um quarto,
A gambia esguia,
— Eis por quem morre
O Zé Maria !

Não cores, meu amigo, do retrato,
Pois que a Nympha é prendada—tem diabo ;
E' filha de um Barão— homem de peso,
Que do teu velho pae foi cosinheiro.

Cerra os ouvidos
Aos que murmuram,
Parvos, beocios,
Que a raça apuram,
Empolga a chelpa
Faz-te bizarro,
Dá na pobreza
Um forte esbarro.

MINHA MÃE

Minha mãe era mui bella,
—Eu me lembro tanto d'ella,
De tudo quanto era seu!
Tenho em meu peito guardadas.
Suas palavras sagradas
C'os risos que ella me deu.

Junqueira Freire

Era mui bella e formosa,
Era a mais linda pretinha,
Da adusta Lybia rainha,
E no Brasil pobre escrava!
Oh, que saudade que tenho
Dos seus mimosos carinhos,
Quando c'os tenros filhinhos
Ella sorrindo brincava.

Eramos dois — seus cidadãos,
Sonhos de sua alma bella;
Ella a palmeira singela,
Na fulva areia nascida.
Nos roliços braços de ebano
De amor o fructo apertava,
E à nossa bocca junctava
Um beijo seu, que era vida.

Quando o prazer entreabria
Seus labios de roixo lirio,
Ella fingia o martyrio
Nas trevas da solidão.
Os alvos dentes nevados
Da liberdade eram mytho,
No rosto a dor do afflicto,
Negra a côr da escravidão.

Os olhos negros, altivos,
Dons astros eram luzentes ;
Eram estrellas cadentes
Por corpo humano sustidas.
Foram espelhos brillantes
Da nossa vida primeira,
Foram a luz derradeira
Das nossas crenças perdidas.

Tam terna como a saudade
No frio chão das carpinas,
Tam meiga como as boninas
Aos raios do sol de Abril
No gesto grave e sombria
Como a vaga que fluctua,
Placida a mente — era a Lua
Reflectindo em Ceos de anil.

Suave o genio, qual rosa
Ao despontar da alvorada,
Quando treme enamorada
Ao sopro d'aura fagueira.
Brandinha a voz sonora,
Sentida como a Rolinha,
Gemendo triste sosinha,
Ao som da aragem faceira.

Escuro e ledó o semblante,
De encantos sorria a fronte,
— Baça nuvem no horisonte
Das ondas surgindo á flor;
Tinha o coração de santa,
Era seu peito de Archanjo,
Mais pura n'alma que um anjo,
Aos pés de seu Criador.

Se junto á cruz penitente,
A' Deus orava constricta,
Tinha uma prece infinita
Como o dobrar do sineiro;
As lagrimas que brotavam
Eram perolas sentidas,
Dos lindos olhos vertidas
Na terra do captiveiro.

NO CEMITERIO DE S. BENEDICTO

DA CIDADE DE S. PAULO

Tambem do escravo a humilde sepultura
Um gemido merece de saudade;
Ah! caya sobre ella uma só lagrima
De gratidão ao menos.

(Dr. B. Guimaraens.)

Em lugubre recinto escuro — frio,
Onde rema o silencio aos mortos dado,
Entre quatro paredes descoradas,
Que o caprichoso luxo não adorna,
Jaz de terra coberto humano corpo,
Que escravo succumbiu, livre nascendo !
Das horridas cadeias desprendido.

Que só forjam sacrilegos tyrannos,
Dorme o somno feliz da eternidade.

Não cercam a morada luctuosa
Os salgueiros, os funebres cyprestes,
Nem lhe guarda os humbraes da sepultura
Pesada lage de espartano marmore,
Sómente levantando em quadro negro
Epitaphio se lê, que impõem silencio!
— Descançam n' este lar caliginoso
O misero captivo, o desgraçado !...

Aqui não vem rasteira a vil lisonja
Os feitos decantar da tyrannia,
Nem offuscando a luz da san verdade
Eleva o crime, perpetua a infamia.

Aqui não se ergue altar ou throno d'ouro
Ao torpe mercador de carne humana,
Aqui se curva o filho respeitoso
Ante a lousa materna, e o pranto em fio
Cahe-lhe dos olhos revelando mudo
A historia do passado. Aqui nas sombras
Da funda escuridão do horror eterno,
Dos braços de uma cruz pende o mysterio,
Faz-se o sceptro bordão, andrajo a tunica,
Mendigo o rei, o potentado escravo!

NOVIDADES ANTIGAS

O bom Democrito ria
Do que a nós nos causa dor;
Elle mui bem o entendia:
Vamos nós tambem, Senhor,
Fazer o que elle fazia.

(N. Tolentino)

Quem bate á porta?
Não tenho pressa;
Diga primeiro
Que lei professa?

—Eu fui menino do choro,
E me chamo Thomazinho;
Do Thesouro fui continuo,
Jogo á noute o pacauzinho

Na antiga fechadura andou trez vezes
Mechendo na lingueta a velha chave ;
A porta escancarou-se e teve ingresso
Nariz de talha-mar comprido e grave.

Cortando o leve espaço a penca ingente
Metade do salão já tinha entrado ;
Porém de Thomazinho o corpo inoto
Nas quinas dos umbraes era esperado.

Do curvado esporão a ponta esguia
Já da meza apoiou-se sobre o raz,
E no vasto salão notaram todos
O nariz carregando o seu Thomaz.

Na extrema da maromba narigada
Qual veloce arlequim suspenso andava,
Com pernas de vareta e pés remantes
O nosso grande heroe, que assim fallava :

Entregue da missiva lisonjeira,
Que fez-me de varão velha gaiteira,
A caminho atirei-me preçuroso
Por cumprir vossas ordens respeitoso.

Tocaste-me na tecla, meu Diabo,
Que tudo, d'esta vez, vai ás do cabo.
Agora a tratantice leva a breca
A golpes de thesoura e de rebeca.
E como não costumo ser rogado
Sem exordio começo o meu recado.

Da Sé se-escova a torre e se-prepara,
(Limpeza n'esta Igreja! é cousa rara !...
O gallo de vermelho foi pintado
Em honra do Doutor, que ahi vem armado

Co a vara da justiça altipotente,
Que a trote enchoará cascuda gente.
Os *previos* tendo á frente o meião-chefe
De blusa rabicunda, a magarefe,
Promettem de fazer tanta proesa
Que d' elles se-horrorisa a natureza.

A empreza do Macedo e do Augusto
Da Policia feroz já não tem susto ;
Sò tratam de chuchar na teta grossa,
Tornando a Capital em erma roça.

O velho repertorio está na sova,
Sem que mais ninguem veja peça nova ;
A orchestra poz-se ao fresco, por cantela,
Temendo pateada ou chorruela ;
E a empreza que as mamatas tem á vista
Encaixou no scenario um pianista,
Que suppondo tambem ter sorte egual
Na tangente se-poz, sem dar signal.

O templo se-fechou dos disparates,
Tabernaculo soberbo dos orates,
Em que os genios altivos darão fim
Por honra do Macedo e do Quartim ;
E em quanto a subvenção corre veloz,
Vão todos entoando o—Venha a nós—

Partiram sempre alfin os voluntarios
Deixando os taberneiros todos varios,
De braços encruzados nos balcoens
Banzando sobre as grandes fintações!...
Partiram sem foguete, sem estalo,
Sem flores, sem louvores, sem badalo !

Quem diria que a forte, a brava gente
Daqui se-partiria descontente !

Levando dos Paulistas tão famosos
Huns adeuses apenas desdentosos!...
Depois de tanto arrojo, tanto orgulho,
Tão gelada frieza causa engulho.

Com terrível aspecto de guerreiro
Ia na frente o Pacca prazenteiro,
A commenda espiando de soslaio
Com medo que lhe desse algum desmaio.
Ao lado do Major Dias tão contente
Qual no valle se amostra o lyrio algente.

Ovante o batalhão marchava atraz
Com garbo que aos heroes sómente apraz.
Nos sabres reluzentes se-miravam
Do sol os fulvos raios que brilhavam ;
Marchando a gente forte ia cadente
Com gesto que aterrava de imponente.

Mais atraz o Felicio exasperado
Por querer o contracto e ser logrado,
Bradava com furor contra a maranha
Dos carros de transporte com tal sanha,
Que a turba macedina atarantada
Já de todos fugia amedrontada.

E em quanto este berrava furioso
O Macedo sorria de gostoso!...
Ataca, Macedinho, ataca a geito,
Deixa embora gritar fero o despeito.
Tu és maior que todos na patranha,
E o mundo só pertence a quem *apanha*.

Emfim quero dizer que a tropa alegre
Sorria de prazer com toda a gente ;
E eu que ás affeições me curvo brando
Dos olhos despejei a grossa enchente.

(Publicada no *Diabo Coxo* de 30

II

O bom Democrito ria
Do que a nós nos causa dor;
Elle mui bem o sabia:
Vamos nós tambem, senhor,
Fazer o que elle fazia.

(N. Tolentino)

D'esta vez venho triste, bons leitores,
Que lavram-me no peito acerbos dores.
Já meus olhos captivos da paixão,
Voltados lacrimosos para o chão
Não sentem na pupila dilatada
Os fulgores da roxa madrugada;
Nem os trinos saudosos dos alados
Cantores da floresta enamorados
Os prazeres dispertam, que n'est'alma

Brincavam brandamente em doce calma.
Imagem da tristeza eu sou valente,
Que trago o lucto impresso no semblante.
A causa d'este mal, leitor querido,
Eu passo relatar inda ferido.

De jovem pudibunda casta e bella,
Por quem paixão nutri, a mais singela,
E que hoje de hymineu presa nos laços
Entrega-se aos prazeres n'outros braços,
Guardava com amor, que me mantinha,
A fagueira e mimosa cadellinha.
No meu leito dormia; si velava,
A testa me lambia, a lisa calva;
Lambia-me o nariz, a bocca . . . tudo,
Ao ver-me resomnar tam quedo e mudo.
Té dos pés me lamber não tinha pejo.
Julgando em cada calo ter um queijo.

Fazia o meu prazer, o meu encanto,
Nos olhos me estancava o salso pranto;
E penso que cadella tão querida
Ainda ninguem teve nesta vida
Mas ao monstro voraz, que rõe penedos,
Aprove de tornar meus dias tredos,
Matando aquella prenda, que eu amava,
Qual Hercules deixou-me sem a clava;
E se ferido ainda estou vivendo
E' so para sentir que vou morrendo.

Não tenho mais prazer, gostos não tenho,
Que só dar pasto á magoa é meu empenho;
Thomazinho não sou, qual d'antes era,
O rosto está rugoso—erma tapera.
E quem, notando golpe tão profundo,
Não dirá:—Nada somos n'este mundo!
Mas como quem pertence a máo senhor,
De si dispor não póde a seu sabor,

Aqui venho, de aspecto, que contrista,
Cumprir os meus deveres de chronista.

Tem dado que cuidar aos curiosos
A torrente de encomios estrondosos
Com que a Redacção do "Panlistano",
Enfuna certa gente a todo o panno.
A uns porque da patria são distinctos
Servidores solertes, não famintos,
Que armados de coragem verdadeira
Não deixam nem dormindo agra *carteira*,
E, atados á tripeça do thesouro
Dão á mão com mais sanha do que o mouro!
A outro por que gira alegremente,
Sem largar um momento o presidente,
Prestando serviada relevante
No cargo sacrosanto de Ajudante:
É a todos por que unidos fazem consas,
Que viveu na memoria além das lousas
A grave redacção de penna alçada,
Perante a guapa gente decantada,
Declara, que esse grupo abençoado
Merece do Governo ser lembrado.
Quer ver o povo n'isto manivela,
E anda bor ali dando a framela;
Porém, só en lhe-noto devoção,
Julgando em seu direito a Redacção.
Barões tão prestadios quem já viu?
Amor tão santo e puro quem sentiu?
Descance a negra iujeja presumida,
Que a gloria é só da gente bem querida.
Ataca, Redactor, com vento forte,
Que é dino esse povinho d'aurea sorte.

Os Licurgos da nossa Edilidade,
Em nome da Sagrada liberdade,
Chamaram a congresso todo o povo
Afim de discutir um facto novo.

Era o caso—salvar a Patria nossa
E dar no Paraguay tremenda coça :
Naufragios, perdições de toda a sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.
Pejaram-se os salões, quartos e salas
Da gente que de assucar come balas,
Mais valente que Cezar ou Roldão,
Que batalhas vencia a cachação :
Doutores da lanceta—irmãos da Morte,
Mais ferós na matança que Mavorte ;
Doutores da verdade—do Direito,
Mas que ao torto tambem lá dão seu geito ;
Rotundos vendilhões, magros artistas,
Deputados, santudos cabalistas,
Patriotas magriços e pansudos,
Aquelles tagarallas, estes mudos.
Emfim, todos que tinham perna ou mão,
Que perder não podiam tal função,
Ali compareceram junctamente,
De semblante garrido, ardor latente,
Convocados da parte de Tonante
Pelo neto gentil do velho Atlante.

Estava Ozorio ali sublime e dino,
N'um assento de encosto purpurino,
Com gesto alto, severo e soberano,
Que guerreiro tornára um fraco humano,
Com suissa tão alva e rutilante.
Que excedia no brilho ao diamante.

Em bancos de palhinha empoeirados
Os mais vereadores assentados,
Com marcio antojo logo abaixo estavam
Como a razão e a ordem concertavam.

Foi aberta a sessão em continente,
Fallando *in primo loco* o Presidente,

Que em synthese tractou do caso grave
Apoz guardando aspeito de Margrave.
Quaes suspiros de virgem de Convento,
Em notes traduzindo o pensamento,
Que exhalados a furto, com brandura,
Exacerbam dos vates a ternura,
Levando o sentimento a ponto tal,
Que nenhum já se-lembra que é mortal,
E feridos no peito o dens frecheiro
Decantam ás fogueiras do *Outeiro*,
Jorrando tantas glosas sublimadas,
Que se-tornam em grossas enchurradas:
Taes de Oz rio as sentenças, que findaram,
A turba valorosa electrizaram.

Cada qual um canario se-julgava,
De calar-se ninguem alli cuidava,
Queriam fallar todos de um só jacto.
Rompendo em tenebroso espalhafato,
—A saltos de polé por badulaques—
Qual se-ardessem dez mil cartas de traques.

Impóz Tonante a paz então de novo,
Porque um orador fallasse ao povo.

Silencio! disse alguem se-levantando.
Silencio....guardam todos não fallando.

Erguem-se da rhetorica o maestro,
Que de ás turbas orar tem manha ou sestro.
O canoro fagote embandeirado
Os corações a paz acostumados
Vai ás fulgentes armas incitando,
Pelas concavidades retumbando.

Da campana arrojando gradações
Os tectos faz tremar d'amplos salões;

Ribombos de Enargueia, Epiphonemas,
Em phrazes de escachar—as mais extremas;
Metaphoras brilhantes etopeias,
Capazes de empolar dez epopeias
Jorraram em torrentes caudalosas
Com bulha que as-tornava pavorosas.
O povo allucinado erguera um —bravo—,
E o tribuno rubento mais que um cravo,
A voz fortalecendo com pujança,
Derrama em cada tropo tal chibança,
Que todos só de ouvil-o transportados
Dispararam descargas de apoiados!
Avante o *Mirabeau* vai sem parar,
Nem co'a lingua do céo da bocca dar:
Os olhos são dois astros reluzentes,
Os gestos aterravam de imponentes,
Os labios similhavam duas lavas,
Feria a lingua mais do que cem clavas:
As palavras fulgiam como raios
Rachando d'alto a baixo os paraguayos:
E no ar sacudindo a larga testa
Guerra! guerra! bradava, em ar de festa.

Mais guerra! repercute a Academia,
Que agora de matar deu-lhe a mania;
Haja guerra! exclamou rico banqueiro,
Guardando, por cautela, o seu dinheiro.
E o povo pe'os ver tão alarmados,
Soltou nova descarga de apoiados.

Mas eu que me arreceo da mortalha,
Fugi d'ali com medo da metralha.

(Publicada no *Diabo Coxo* de 6 de Agosto de 1865)

MEUS AMORES

Pretidão de amor,
Tão leda a figura
Que a neve lhe jura,
Que mudara a cor.

(Canções — *Endeixas*.)

Meus amores são lindos, cor da noite
Recamada de estrellas rutilantes ;
São formosa creoula, ou Tethis negra,
Tem por olhos dous astros scintillantes.

Em rubentes granadas embutidas
Tem por dentes as perolas mimosas,
Gottas de orvalho que o inverno gela
Nas breves petalas de carninea rosa.

Os braços torneados que allucinação,
Quando os move perluxa com langor,
A bocca é roxo lirio abrindo a medo,
Dos labios se destilla o grato olor.

O collo de velludo Venus bella
Trocára pelo seu, de inveja morta;
Da cintura nos quebros ha luxuria
Que a filha de Cyneras não supporta.

A cabeça envolvida em nubia trumfa
Os seios são dous globos a saltar;
A voz traduz lascivia que arrebatá,
—E' cousa de sentir, não de contar.

Quando a brisa veloz, por entre an goas,
Españeja as cambraias escondidas,
Deixando ver aos olhos cubiçosos,
As lisas pernas de ebano luzidas.

Santo embora, o mortal que a encontra pára;
Da cabeça lhe foge o bento sizo;
Nervosa commoção as bragas rompe-lhe
E fica como Adão no Paraiso.

Meus amores são lindos, cór da noite
Recamada de estrellas rutilantes;
São formosa creoula, ou Tethis negra,
Tem por olhos dous astros scintillantes.

Ao ver no chão tocar seus pés nimosos,
Calçando de setim alvas clinellas,
Quizera ser a terra em que ella pisa,
Tornal-as em colher, comer com ellas.

São mingoados os seculos para amal-a,
De gigante a estructura não bastára,
De Marte o coração, alma de Jove,
Que um seu lascivo olhar tudo prostrára.

Se a sorte caprichosa em vento, ao menos,
Me quizesse tornar, depois de morto ;
Em bojuda fragata o corpo d'ella,
As saias em velame, a tumba em porto.

Como os Euros, zomindo d'entre os mastros,
Eu quizera açoitár-lhe o pavilhão ;
O velacho bolsar, bramir na proa,
Pela pôpa rojar, feito em tufão.

Dar cultos á belleza, amor aos peitos,
Sem vida que transpouha a eternidade,
Bem mostra que a sandice estava em voga
Quando Uranus gerou a humanidade.

Mas já que o fado iniquo não consente,
Que amor, além da campa, faça vasa,
Ornemos de Cupido as santas aras,
Tu feita em fogareiro, eu feito em braza.

(Publicado no *Diabo Coxo* de 3 de Setembro de 1865)

EPISTOLA FAMILIAR

São Paulo, 11 de Dezembro de 1866.

Meu querido Gedeão
Das Tramoyas Cansação.

Ha muito, presado amigo,
Dos meus males doce abrigo,
Pretendia eu novas dar-te
D'esta Patria do Deus Marte;
Porém sempre perseguido,
Pelo fado fementido,
Vivo tão atropelado,
De trabalho estenuado,
Que nem sei como mastigo
As torradinhas de trigo,
Com que dou conforto ao peito

Já das magoas tão desfeito.
Bem sei eu, que a velha historia,
Por querer turbar a gloria
Aos preclaros descendentes
Dos heroes armipotentes
—Cubas, Pires e Buenos—,
Que venceram Turcos, Brenos,
Chinos, Persas, Anglicanos,
Fanfarroens heroes hespanos
—Sancho Pansa e Dom Quixote—.
A bodoque e chifarote,
Quer, por força, que o Deus Marte
Fosse nado em outra parte.
Eu, porém, protesto juro,
Do que digo bem seguro,
Que a estrangeira historia mente;
Porque Marte é desta gente,
Luda mais, dizer-te quero,
Contra a voz do mundo fero,
Que as victorias d'esta terra
Quer lançar do lodo á berra,
Que São Jorge, o gran guerreiro,
Aqui viu a luz primeiro;
Que São Pedro, o pescador,
Aqui foi agricultor;
E São Paulo, o cavalista,
Pela fama, foi *Paulista*.

Isto dito, á pressa embhora,
Tractar vou de mim aghora.

Sabes tu, bom Gedeão,
Como vive o cidadão,
Que, mettido entre fidalgos,
Como lebre ao pé de galgos,
Anda sempre amedrontado,
Que lhes-vão, sobre o costado,
Dar de rijo, com pujança.

Por amor da temperança ;
Pois o pobre, por mania,
Vive sempre em gritaria
Contra os fóros da nobreza,
Que, arrogante, fera e teza,
Vai malhando na gentalha,
Que, pisada, rosna e ralha. . .

De saude não vou bem ;
De dinheiro... nem vintem ;
De namoros... menos mal ;
Pois que, sendo jovial,
Não receyo ser ferido
Pela setta de Cupido.
E, demais, meu Gedeão,
N'esta era do *Balão*,
Deve o homem namorar,
Que é negocio bem casar.

Quem pretende hury formosa,
Que, em belleza, excede á rosa,
Na candura á neve argente,
Ou do sol á luz nitente,
Anjo excelso de primores,
Mas sem *dote*... sem valores...
Será tudo, até beocio,
Nunca homem de negocio.

Tartaruga com dinheiro !...
Isso é vaso de outro cheiro ;
Que bem vale o sacrificio,
Que redunda em beneficio ;
Nescia ou tola, malcriada,
Ha de ser idolatrada ;
Que, á hum noivo calculista,
Nada ha que dê na vista.
O desfructe é distração,
A sandice reflexão,

A feiura *sympathia*,
Seja torta, velha ou *tia*;
Pois lá diz o velho adagio,
Dos tartufos apauagio,
—Que o dinheiro tudo encobre
E defeito é só ser pobre—

Por seu lado, as taes matronas,
Apesar de velharronas,
Soccorridas do *postigo*,
Que, de *alcaldes* é feitiço,
Fazem dar volta ao miolo
Do sagaz tartufo ou tolo.

Vê-se aqui cada magriça,
Com formato de linguíça,
Repiupada atroz perua,
Roçagante pela rua,
Embrullhada em fino raz,
Preza ao braço de um rapaz,
Tam limpante, tam pimpona,
Que parece huma Amazona,
Ou singrante Não de Aveiro
Rebocada por Saveiro!
Que rotunda matronaça,
Para quem parece escaça
Toda a terra Americana,
Desde o Prata até Goyana!

Sem *postigo* a magricela
Dá seus ares de gazela,
De raposa ou velha gata;
Mas, vestida, oh, que Fragata!
Tem *postigos*, *portinholas*,
Suspensorios, *sugigolas*,
Ferros, *mastros*, *cordoalhas*,
Encrespadas maravilhas,

Bordas falsas, cabrestantes,
Sondas, boyas e oitantes,
Bujarronas, vela-grande,
Em que o vento audaz se-espande ;
Chaminé, carvão e gaz,
Breu, azeite e agua-raz ;
Por botinas duas lanchas ;
Os dois pés servem de pranchas ;
Lenha, estopa, o alcatrão,
Tudo embaixo do Balão !

A garbosa rapazia
Não se-deixa em calmaria :
Cabelleiras, gabinardos,
Chapéos pretos, niveos, pardos,
Pince-nez de toda a casta,
Parvoice muito vasta,
Calça larga, á porcalhota,
Gravatinhas de janota,
Tudo tem, com abastança
Quem se-trata com clibança.

Viva a moda, meu amigo,
Morra tudo que é antigo !

Deixa a roça, Gedeão,
Basta já de ser poltrão,
Anda : vem para a cidade,
Traz a tua Felicidade,
A *Marica*, a *Josephina*,
Bella rosa purpurina.
Quero vel-as estufadas,
De tundás com almofadas,
Roclunchudas e galantes,
Quaes repolhos ambulantes.
Segue a moda e o progresso ;
Volta as costas ao regresso.

E' a moda o salvaterio
Dos que a-buscam com misterio ;
Da velhota inconsolavel,
Do janota desfrutavel,
Que campando de galante
Mostra a todos que é pedante ;
Do pansudo sem juizo,
Que com ella cobra o sizo .
Té no proprio Pio nono,
A moda ferrou tal mono,
Que de humilde franciscano
O-tornou republicano ! . . .
E mais tarde, por magana,
Revirou-o com tal gana
Que dos Reis, irmão querido
Fez o Papa fementido.

Modas ha com tal fartura,
Que parece já loucura ;
Chapelinhos á franceza,
Babadinhos á turqueza,
Largas mangas á romana,
Penteados á sultana,
Capotinhos, sedas frouchas,
Franjas, pentes, rendas, tróchas ;
Lindas flores iudianas,
Molas d'aço, barbatanas,
Para erguer seios cahidos
É fazer guapos vestidos.

N'estes tempos, meu querido,
E' que vale ser marido.
Vé lá tu, que és hum mestraço,
Com teus risos de madraço.
Se não é hum grande achado
Este meu enunciado.
E si pescas da sciencia,
Nota bem a consequencia :

Sahe o marido, coitado,
Pela esposa fulminado,
Vai á loja da Madama,
Que é modista d'alta faina,
Compra leques, luvas, cheiros,
Traz comsigo seis caixeiros,
Carregados de chocalhos,
Que não valem cascas d'alhos,
E, de amores transportado,
Sem se-ver pobre e pellado,
Chama a *Eva* portentosa,
Que vem toda vaporosa,
De cabello esparralhado,
Vestido longo arrastado,
Bocejando com desdem,
Como quem mil contos tem.
Ergue os olhos molemente,
Encara o pobre demente,
E, com ar de gran Sultana,
Brada ao tal José-Banana:
"Inda aqui não vejo tudo!
"Que é da capa de velludo?
"O vestido de chalmim?
"O toucador de marfim?
"O corpinho decotado?
"O mantellete bordado.
"Pois hei de ir ao *Cantante*
"Sem pulseira de brilhante?
"Ande. Vá buscar o resto,
"Que, se não, já lhe protesto,
"(Isto diz rufando as patas)
"De o-mandar plantar batatas !...,,

E que tal, meu Gedeão,
Te-parece este sermão ?

Vou casar-me, quanto antes,
Para ter d'estes instantes.

Depois d'isto a consequencia,
Que nos-mata a paciencia ;
Muito filho malcriado,
Muito cueiro *perfumado*,
Choros, berros, gritaria ;
Vem depois estripolia,
As escholas, os collegios,
E mais outros privilegios,
Que papae ha de pagar,
Sem tugir, nem resmungar.

Quando quer a negra sorte,
Hum *capricho* da consorte,
Que, por artes do demonio,
Ou encantos de Trophonio,
Torce a orelha e pouco cabana
Ao marido, que é pastrana ;
E com labia e com geitinho
D'elle faz hum *coitadinho*.....

De outras cousas, Gedeão,
Inda cá tenho porção.

De politica não fallo,
Pois que é sino sem badalo,
Em que vae qualquer tarelo
Repicar com seu martello :
E' negocio de velhaeos,
Que só serve para os *Cucos*.

Do Papado nada digo.
Vivo alheio, charo amigo,
A' batina á coróa,
N'isto sempre andei atóa.

Faço ponto, Gedeão ;
Até outra occasião.

Não te-zangues da maçada,
Que já vae mui prolongada ;
E dispoe, si assim te apraz,
Do teu velho

Barrabraz.

(Publicada no *Cabrião* de 16 de Dezembro de 1866).

PROGRAMMA

Dos Deuses o Democrito medonho,
Filho da negra noite e horrivel sonho,
Que de quanto no Olympo se fazia,
Com desprezo satyrico se ria.

(Cand. Lusit.)

E' prologo. Senhores, não libello,
O que mostrar-vos vem Polichinello ;
E' thema ou frontespicio de um volume,
Que será pouco a pouco dado a lume ;
E' obra de longada e resfolego,
E não de levadia, feita a prego :
Attentem todos, pois, sem exclamation,
Que os guizos agitando, eu vou fallar.
Bem sei que muita gente apavonada,
Que os fêros tem gozado de illustrada,

Com rotunda prosapia, mal cabida,
Contando-se feliz, cá nesta vida,
Boceja indifferente—Que um programma
E' cousa mui sediça e já sem fama ;
Que os *Lynces*--Litteratos de luneta—
Argonautas de chelpa na gaveta,
Fidalgos mais que os Reis do mundo inteiro,
Áltivos, como gallos de terreiro,
Exhibem, de improviso, os pensamentos,
Saltitantes, luzentes como tentos,
Lançados sobre a meza do gamão,
De annoso Boticario fanfarrão ;
E que, apenas pisando o chão da praça,
A' luz do sol a-pino, sem fumaça.
Ao som dos atabales dos *Jornaes*
Dos amigos—irmãos universaes—
Do famoso congresso decantado
Do *Elogio Mutuo* confiado,
Recebem as pancarpias redolentes,
Com que zombam das turbas maldizentes ! . . .
Mas isto nada prova, e tenho visto,
Se não que judas houve, e venden Christo ;
Que ha birbantes, charlatas de casaca,
Que impingem óvos podres á pataca ;
Que o silencio sagaz, que a velhacada,
São obras de Tartufo ou de empalmada ;
Que o homem de verdade, sem refólhos
Tudo faz por pregão, á vista d'olhos.
Isto posto, sustento, sem detença,
Embora velha seja tal sentença,
Que por mais que se queira contestar,
Um prologo, por fim, tem seu lugar.

O prefacio, no Livro, é como a sopa.
Vem na frente, e prepara sempre a bocca ;
E' garrida vedeta, mui lampeira,
Seductora, risonha e feiticeira ;

E para acautelar contestação
Vou dar alguns exemplos de feição :
 O tambor rufa a cuxa, e vae na frente,
Vai-lhe apoz o coloso armipotente ;
 De gazes, a provectora natureza
Este globo formou de pedra teza ;
 Do pollen das antheras - sementeiras
Renascem as frondosas perobeiras ;
 Segundo a sacra lettra da Escriptura
Do cahos reverberou a luz mais pura :
 Ao diluvio geral do Deus tremendo
Aviso precedeu do Céu Colendo :
 As estrellas nasceram do infinito,
A areia faz-se em rochas de granito ;
 O ar tornou-se em chuva, a chuva em mares,
A pudica virtude em lupanares,
 O Demonio foi anjo predilecto,
E corre que no Céu gozou de affecto :
E o proprio Padre-Eterno, que é barbado,
Teve buço macio, e foi pellado :
 Evidente, pois, fica a todo mundo
Em classico brocardo, e bem profundo,
Que, por mais que se queira contestar,
Um prologo, por fim, tem seu lugar.

Do programma a razão tendo por dila,
Devo agora tratar, sem matiuada,
Dos factos, dos heroes, e dos successos,
Que devem figurar nos meus processos,
E de tudo, por alto, dar noticia,
Que eu sou homem com faro de Policia.

As selectas próesas, os talentos,
Glorias, artes, prodigios, monumentos,
Chafarizes soberbos moldorados,
Canaes de papelão, chapéus armados,
Chanfradas durindanas, baretinas,
Espingardas de pedra, lazainas.

Da Cantareira o Fox, Rodovalho,
O potente Praxista, o grão Ramalho,
O redondilho Dutra, o Valladão,
O Campos Mello, ferrado ao Gavião,
O Rubino imponente, afradaldado,
De arrojante fallar, alatinado,
Bondes, carros, carroças, tropelias,
Dos frades as famosas fanforrias,
O rispido *Souzismo*, a Padraria,
Do Poncio enfarruscado a bizzarria,
Os Pachecos valentes, Prados fortes,
E outros *felisardos* pelas sortes,
Em tremendos artigos, e de fundo,
Cantando espalharei por todo mundo.

Nem tam pouco esquecidos ficarão
O famoso banqueiro Gavião,
O Rogerio de Salles—Malachias—,
Que só traga melão feito em fatias,
Que juro, com ardor de *Dom Gigadas*,
Em columnas guindal-os de almofadas;
D'America dourada, o tal logista,
Que tem caza ao quebrar da Boa-vista,
E da fronteira o Paço, que é barbeiro,
Metido entre o *Cafê* e o *Padeiro*;
O Momo curioso o—Militão,
“Senhor de gran tesoura e rebecão”;
O Bernard, de chapéo de para-raios
O Torres, resador de mil rosarios;
O Garraux, meditando além da pança
As tricas de Bismark sobre a França,
E as coleras do povo, em toda parte,
Contra a pérra familia Bonaparte;
O Furtado, o Elias da Policia,
O Chaves, resador, por ter malicia,
Do Norte o *Grão-Pachà*—Padre Lauterio,
O Faria— Barão do Cemiterio,
O Sor Lins, de catana e de armadura,
Que dizem não mandar quinhão ao Cura,

Que usa de fivela e suspensorio,
Manhoso, capadocio—e mui finorio;
Thomaz Gomes, Mesquitaz, Boticarios;
Roldoens de ribanceira relicarios;
Pedagogos magriços, mestres-regios;
Aguadeiros de becca, privilegios.
Rufando espalharei por toda parte,
Si a tanto me-ajudar baquêta e arte,
A golpes de tesoura e de rebeca,
De tudo hei de fazer leve peteca,
Guardando tam sómente, com respeito,
Quanto vem da natura, por defeito,
Ou róla pelos arcs—as mazellas,
Que en só vejo que sahe pelas janellas;
Tudo mais ha de ter a impia sorte
De spatifaão ser a malho ou côrte,
E ainda que seja do mais alto grão
Para alcofa ha de vir, em vane-pão,
Que en pretendo tornar tudo em farello,
Ou então não serci “Polychinello.”

O Faleão, de tabardo de commenda,
Campando n’lhum vapor, sem massa ou fenda;
O Aineida Martins longo magrico,
Com pernas de canudo ou de chourico;
O Dias, alegrindo tão cheiroso,
De dourada luneta, vaporoso;
O Bom Brasiense, grão-pagé,
Presidente do *Club do café*;
O rei dos coroneis: *Paulo del grosso*,
Que deixou de ser *fino* por ser troço;
O Oliva, de corda de cutêlo,
Roldante de gladio e de murzello;
O Mendes, Lopes Chaves, o Vieira,
Que nos tangos fadejam de fieira;
O *Payão*, que é só *Payo* na estatura,
Que a tripa não tem fêra, nem grossura,
Que maneira lingueta mais parece
Si a *memoria* fazaz me não fallore!

D'alto abaixo serão analysados,
E em verso d'espavento decantados.

Tudo isto adubado com engenho,
No que pretendo pôr mui grande empenho,
Deve dar para rir a muita gente,
E aos *proprios heróes*, que alegremente,
Pachorrentos, dirão, mesmo consigo:
—“Sempre é bom que o tenhamos por amigo.“.....

Vai ter ponto o programma, que mais nada
Me fica por dizer, nesta jornada.
O papel acabou-se, e foi-se a vela,
Nem eu tenho que dar mais á tramela;
E fico do meu fado mui contente,
Por ter escripto muito alegremente,
Fallando em muita cousa, e nada dito,
Que tal ao começar, fôra meu fito,
Como falla aos *augustos deputados*
O Rei dos Botucudos celebrados;
E mostra tenho dado exuberante
De quanto póde um homem ser massante;
Mas creio que provei, sem vos massar,
Que hum prologo, por fim, tem seu lugar.

(Publ. no n. 1 do *Polychinello* de 16 de Abril de 1876)

SCENA PARLAMENTAR

—Assembléa Legislativa Provincial; sessão de 17 de Março. — Entra em discussão o projecto de Lei, que concede reforma ao bravo Tenente Coronel Carlos Oliva. — O Sr. Deputado Payão previnio aos seus amigos de que sustentaria o projecto; ha febre de enthusiasmo; a curiosidade abraza os circumstantes; reina o mais profundo silencio: é meio dia!

Alcides novo da eloquencia rara,
Que da patria mil monstros debellára;
O famoso orador d'immortal fama,
Que d'alta Athenas no logar revera,
Foi da solta eloquencia um novo Homero!

(Cand. Lusit)

Amazona feroz, ao dar á luz,
Da prosapia enfumado, de capuz,
Ensaia-se Payão, frange o sobr'olho;
O nariz se-lhe-agita, novo escolho

Nos *mappas-narigaes* inda não posto ;
Mas contam Arlequins de estranho gosto
Que aquelle altivo beque ponteagudo
Já de molde servira, pelo entrudo,
Aos bicos de um chapéo de lazarista,
Que á gente da chalaça deu na vista . . .

Tossiu, gesticulou, tomou postura,
Torceu e retorceu alta figura . . .
Dez metros de casaca prolongada,
Como posta em cabide, ou pendurada,
Pendiam-lhe do corpo, um tanto arcado,
Ao peso do mandato celebrado ;
E os hombros encolhendo pouco e pouco,
Como quem dá remoque. e não quer trôco,
Esgrouvinha o pescoço, os olhos vibra,
Qual a Ema arrojada ou ave-dibra,
E, de ponto, encarando o Presidente,
A palavra pedio, com voz plangente ! . . .

Oh, caso grande, extranho, e não cuidado,
Que o parlamento poz embasbacado ! . . .
—Pois fallou?!.. Disse o Dutra, de soslayo
O Bicudo mirando, um tanto bayo . . .
—Pois fallou ; Sim Senhor ; foi elle mesmo,—
Redargue o Leonel, côr de torresmo,
O feroz Leonel, que, no collega,
Aguarda um orador d'atra refrega !

—Mas eu digo, accrescenta o Alvarenga,
Que este nosso Payão não é Capenga ! . . .

—“Silencio, meus Senhores, d'este modo
“Declaro que suffóco, e me incommódo !,, . . .

Assim se fez ouvir o Presidente
No seyo do motim, que ia crescente :

"Eu concedo a palavra ao Deputado,
"Que vem, perante vós, dar seu recado;
"Attentem todos, pois, que o caso é sério,
"Eu ergo a *cruz de cedro*—o Salvaterio!...

Dos *Pares* nova grita se-alevanta,
A bramarem do demo pela manta,
Em rolantes descargas de *apoyados*
Retumbam corredores — telhados!

As aranhas dos tectos penduradas
Nas tejas affigiram-se embaladas,
Trementes, pelo estrondo espavoridas,
Ou de maior desastre apercebidas.
Atiladas, pelludas ratazanas,
Do fracasso temendo as trabuzanas,
Pelos furos do chão, qual rayo audente,
Sumiram-se de um jacto, de repente:
Os farçolas cocheiros lá do largo,
Ao costumeiro riso pondo embargo,
Treparam de tropel ás almofadas,
E bocças a cahir de escancaradas!

:

Quedou-se de improviso a confusão,
Ha profundo silencio no salão.

Foi-se erguendo o Payão: — foi-se erguendo...
Cada vez mais seu vulto se estendendo
Ia a suble tomando, de alto a baixo,
Como os mastros compridos de um patacho...

Todo — espaço mecho mui vazaroso,
Com aspecto febril, com ar *cordoso*
E os braços apoyando sobre a grade,
Meditante — sombrio, como o Fado
Que um *improvisô* engendra já *etusto*,
D'este goito começa arando o busto,

—“Augusto Presidente da Assembléa!
“Como disse José d’Arimathéa,
“Eu venho decantar o nosso Oliva,
“Tremendo esmurrador da gleba altiva;
“Grande Chefe, Supremo Permanente,
“Que faz cursar na rua a brava gente!...

—Muito bem! Sim Senhor!... e o Valadão
Arrebenta de riso em explosão!!...
Rebola o Paulo Egydio, como cobra:

—“Temos samba soberbo; temos obra.—
—“Prosiga o Orador que nos deleita.,,
—“Eu creio que é mandinga, ou *cousa feita* —
Exclama no salão um Deputado,
Que na turba não pode ser notado.

—Avante, campeão da liberdade,
“D’este povo, degráo da magestade!...”

Estruge a gargalhada, estalam palmas,
Deliram de prazer as tibias almas.
Transforma-se o salão em gargalhada,
E a lingua do Payão fica empacada!...

Como a colmeia d’atticas abelhas,
D’aureos oculos pendentes das orelhas,
O pesado Corrêa, vagaroso,
Selecto no olhar, tardo e manhoso,
Do seroso rapé tomando a caixa
Pitadas, pelas ventas, seis encaixa;
E da trazeira aljaba, mui lampeiro,
Um lenço de Alcobaça, verdadeiro,
A’ guisa de bandeira, foi sacando,
Por sobre balaustre o pendurando;
E disse, para impor preceito á bulha,
Do dedo indicador fazendo agullha

— "D'onde vem tão altoiloquo berreiro?
"Será briga hyperbolica em terreiro?
"Já não ha liberdade n'esta caza.
"Que a palavra garanta a quem se emprasa
"De a verdade dizer, em prol da patria,
"Quaes Crispados impólutos da Bactria?!

"Do timido Zambeze auras implora
"O Tantaló crucífero, e devora
"Em rábida, sangrenta e feroz lida
"Fatidicos horóscopos da vida!...
"Attonitos, em flosculos midos,
"De tragicos sarãos espavoridos,
"Titanicos heroes, de impafia illesos,
"Por ignias hecatombes indefesos,
"Jámais de Alli Paclá soffreram corte,
"Ou Cérbero bmano-atro Mavorte!

"Oh! porque, nos desertos de Bragança,
"Não morreste. Payão, de mal-de-panca?!,

—A palavra não tem bom Corrêa!...—
Este a fronte enrugou; fez cara feia...

—Foi *á parte*, exclamou o Valadão;
Quem está com a palavra é o Payão...—

—O *á parte* o discurso favorece;
E, segundo *Pis-saglia*, é como a prece...—

—Dé de mão á sagrada theologia.
Ordena o Presidente
— Ave Maria!...

Retumba a confusão de novamente,
A campana sacode o Presidente.

Apavora-se o Mello; atrabilario
No seyo mette a mão, sacca um rosario!
A's armas! grita o povo; as galerias
Estrugindo ribombam zombarias;
Ferrou-se o Celidonio ao Zé-Luiz,
O Herodes famoso—Lopes Chaves—
Trez berros disparou, em notas graves;
O Telles poz a mão no suspensorio,
Olhando de revez para o Sertorio;
Espantado, tombando na cadeira,
O Silverio Luiz ergueo poeira! . . .
Mas, por fim, acalmou-se a trovoadá.
A Assemléa tornou-se sosegada.

No gesto merencorio, solitario,
Qual Pompeu taciturno, ou Bruto, ou Mario,
Imponente e soberbo se antolhava
O preclaro Payão, que meditava! . . .

Deixaram o salão os Deputados,
Sahindo a dois de fundo, compassados,
E foram commentar, scena implacavel!
Do orador a estréa memoravel! . . .

Oh, Payão! Oh, Payão! lição tremenda!
Este caso aos vindouros recommenda!

Aqui tombou, ao som da tempestade,
De Bragança a gigante Potestade! . . .

E os éccos da floresta, e os condores,
Que serão d'este facto os narradores,
Aos gados fallarão ás hervinlias
Do emporio de luz, que n'alma tinhas.

O REI CIDADÃO

(DOIS MEIROS DE POLITICA)

O Imperador reina, governa,
e administra, tal é o nosso direi-
to publico, consagrado na consti-
tuição.

(Visconde de Itaborahy.—*Discursos*).

E' o direito cousa alpendourada,
Que põe-nos a cabeça atordoada.
O principio, a doutrina, a conclusão
Nas ideias produzem turbacão
Acertar eu pretendo a todo instante;
Mas sinto o meu bestimto vacillante;
Si na these aprofundo, e bato á frente
Todo o Rei me parece um mastodonte!

Pelo que já vou crendo no rifão
—Que o Rei da *mixta fórma* é velhacão.

No tempo antigo o Rei obrava só;
De chanfalho na mão *cortava o nó*;
E os ministros calados como escudos,
Eram todos do Rei, creados-mudos.
Hôje em dia, porém, mudou-se a scena;
Quebrou-se o ferreo guante, voga a penna;
A penna e a palavra; a lingua lucha,
Soberana domina a força bruta.
O Rei não obra só: pois, na linguagem,
Obra mais do que o Rei a vassalagem.
—Reina o Rei, não governa—é o problema;
—Mas, si reina, governa: eis o dilema!
—Não só reina, governa e administra—
E' suprema doutrina monarchista.

De outro ponto o ministro não quer meias,
Quer o Rei regulado, um Rei de peias;
E antólha-se—Penelope do dia,
Capaz de refazer a monarchia:
Um Rei feroz não quer, nem Rei tyranno,
Mas um Rei cidadão—republicano!

Clamam outros,—que o *Rei de gorro phyrgio*
O converso não é de São Remigio;
Que monarcha é das turbas—popular,
Monarcha é de entremez, Rei de bazar;
Um monarcha de pilio, sem corôa,
Um Rei sem massa-pão, um Rei atôa!
E, por fim distinguindo ou misturando,
Todos vão no Thesouro manobraudo.

Na practica tambem reina a balburdia,
A mania do mando, a mais esturdia.
O povo presta o voto nos comícios,
Ou aluga o mandato aos seus *Phenicios*;

Governa ao Parlamento o Ministerio ;
Governa á *opinião* o Presbyterio ;
Na provincia governa o Presidente,
O Escriba, o Meirinho, toda a gente ;
Governa o mundo velho, o mundo novo,
Um ha que não governa, é o bom povo! . . .

Mas si este não governa a culpa é sua ;
Quem faz ricos palacios, e na rua,
Sem roupa, sem chapéo, de bola ao sol,
Faz papel de lanterna de pharol,
Deve a morte pedir ao Deos clemente,
E ao demonio que o leve de repente.

N'outros tempos o Rei de espada é cinta
A golpes de frambão fazia a finta,
E as leis dictava a tiros de trabuco ;
Mas agora um Paranhos, um Nabuco
São as peças do *Rei, do Rei prudente*,
Que por taes vias, manda legalmente
A guerra, a peste, a fome, os privilegios,
Romanas decretaes — os sacrilegios,
Os seus *golpes de Estado - estellionatos*,
E, para mal curar, os baronatos . . .

Tudo isto é doutrina democratica,
Que da gente nos vem aristocratica :
É sciencia moderna do *Constante*,
Homem recto, sizofo, não tractante,
Consummado jurista de chibança,
Jurista de cabeça, larga pança :
É direito, pois, cousa de arromba,
Que aos pensadores faz murchar a tromba.

Chamam parvos que o povo é soberano,
Que não supporta em si nenhum tyranno,
Que todos os poderes lhe pertencem,
Que os Reis, — que os Ministros lhe obedecem

Que as urnas são de luz fóco invencível,
Que essa luz offuscar não é possível,
Que é luz da liberdade, radiante,
Que verbera nas faces do Atlante,
A luz que faz tremer as tyrannias,
A luz que ha de abraçar as monarchias...
Isso foi na Beócia, n'outra liça,
Onde os cães se amarravam com linguça.
Hoje em dia si o Rei não manda nada,
E' porque lhe convem tal mascarada;
Faz de tólo, e mais tólo é quem o crê,
Que o dôlo na cilada não prevê:
—“Quem se fia em cachorro que não late
“Na contenda se encontra sem rebate.”—

Isto posto, concludo, sem detença,
N'este cazo lavrando esta sentença.
—O perfeito monarcha é absoluto,
Obrando sempre ás claras, como bruto:
Porque a fera da hyrcania conhecida
Transforma a gente incauta em precavida;
E, segura, só fere impunemente.
Emboscada nas margens, a serpente.

(Publicada no n. 6 do *Polichinello*, de 21 de Maio de 1876)

POESIAS

DO EXM. SR. DR.

J. Bonifacio d'Andrada e Silva

A RODRIGUES DOS SANTOS

I

Saudai-o agora á margem do caminho
No marco extremo o viajor dormido!
Saudai-o!—d'este mundo apodrecido,
Vêde-o, buscando a luz do excelso ninho! . . .
Cedro que o vento derrubou na poeira,
Tribuno que despiu purp'ra e arminho,
Soldado que morreu juncto á bandeira!

Do vulto gigantesco a sombra agora
Perdeu-se na infinita escuridade. . .
Na ampulheta de Deus—na eternidade
Não vale o tempo, não se conta uma hora!
Saudai a estrella que surgiu nos ceus,
O coração que erguen á liberdade
Epinícios de amor, louvando a Deus.

No viço do poder— eil-o tombado
Como o cedro no viso da montanha;
Baten-lhe o coração na dor tamanha
E o espirito exultou no ceu doirado!
Rico de inspirações no vôo ardente
Nas azas do prazer viram-no alado,
—Inda o mesmo ao morrer - inda mais crente!

Oh não manchou a túnica brilhante
No feio tremedal—na apostasia!
Não cuspiu a derrota. elle sorria
Vendo a face do sol no gyro ovante!
Não foi dos entes vis, que em praça impura
Vendem a alma à fortuna triumphante,
E perjuram ao pé da sepultura!

Elle não!—a bandeira immaculada
Guardou-a inteira no fervor da fé;
Na beira do sepulchro—a mesma—em pé,
Santa como ondeou—lá está cravada!
Grande no povo, no fulgor da crença,
Deixou de chofre a terrenal morada,
E banhou-se feliz na luz immensa!

II

Maldicto o ser desgraçado
Que do altar quebrou a imagem,
Que seu preito de homenagem
Viu por preço vil comprado!
Maldicto!—fique a lembrança
Como o symbolo do peccado
No Calvario da esperança!

A estatua nua e sem côr
Ergem sobre um mausoleo;

O braço que não tremeu
Treme agora de terror!
Seja ahí que o mundo o ponha,
Emblema triste da dôr
Na solidão da vergonha!

Lá nas fundas sepulturas
Os ossos hão de ranger;
Ha de a caveira dizer
D'aquelles sombras escuras:
—Judas, Judas, não te visto,
Vai teus serviços vender,
Tu que já vendeste a Christo!

Soldado da liberdade
Beijaste humilde a poeira,
Não renegaste a bandeira
Nas horas da tempestade
Viste os braços de uma cruz
E ás portas da eternidade
Inda avistaste essa luz!

Não foste, pobre mendigo,
Catando as flores da estrada
Mostrar a mão recheada
Pelos campos do inimigo;
Fechando o livro da historia,
Os puros louros do amigo
Altar ao Deus da victoria.

Sentinella no teu posto
Tiveste o mesmo lugar,
—Nos degraus do mesmo altar.
—Do mesmo leito no encosto:
Hoje conservas no chão
A mesma luz no teu rosto,
A mesma fé na feição!

No seio do teu partido
Pregador do povo-rei
Os mandamentos da lei
Soaram no labio unguido!
Oh dos teus na lucta immensa
Levaste, nobre vencido,
O sentir, a idéa, a crença!

III

Quantas vezes sincera a voz chorosa
Solton os tristes psalmos da desgraça?!
Quantas vezes da dôr n'amarga taça
Viu o pranto ferver n'alma anciosa?!
Ai! que valem, meu Deus, pobres sorrisos?!
Cresce do abysmo á borda a flor mimosa,
Si a lagrima não cae choram os risos!

No tropel das paixões, que os homens leva,
Tranquilla a face á masc'ra que nos mata;
Vasando flores a fortuna ingrata
No meio do festim as furias ceva!
A noite surge... lá descamba o astro,
E a tempestade que no ar se eleva
Deixa-o morrer, si não lhe apaga o rastro!

Gloria, que vales tu?—prantos á flux;
Ergues junto da forca um capitolio,
Ao pé do cadafalso um rico solio
E em teus salões o pedestal da cruz!
Tens o aroma da flor, da flor o espinho,
Em teu seio o clarão de trega luz
Em teus jardins os cardos do caminho!

IV

Eil-o tão mudo ali!—voltou de novo!
Ao pé d'onde sahio—juncto ao cypreste!

Morto como viveu—honras não veste,
Dorme como nasceu—homem do povo!
Ha grandezas ahi... saudai a cruz!
Surge sempre da campa algum renovo,
—Do sangue a vida, do supplicio a luz.

Da terrestre prisão, quebrando os laços,
Poiso foi procurar na eternidade,
Como no turbilhão da tempestade
Doideja a aguia perdida nos espaços!..
Viu dos livres o sol... viu o clarão
Da Providencia além... abriu seus braços,
Grande n'alma, fiel no coração!

Saudai-o! da tribuna o heroico vulto
Baixou c'roado aos angulos de una campa;
Ao sol grandioso que no mar se estampa
Novos preitos rendei, rendei-lhe culto!
Saudai o lidador sobre a poeira...
Vingue-se a gloria do terrestre insulto,
Cubra-lhe a campa liberal bandeira!

1858.

SAUDADES DO ESCRAVO

Escravo—não, não morri
Nos ferros da escravidão ;
Lá nos palmares vivi,
Tenho livre o coração !
Nas faces ensangentadas
Sinto as torturas de cá ;
D'este corpo desgraçado
Meu espirito soltado
Não partiu--ficou-me lá ! . . .

N'aquellas quentes areias
N'aquella terra de fogo,
Onde livre de cadeias
Eu corria em desafogo.
Lá nos confins do horisonte
Lá nas planicies. . nos montes.
Lá nas alturas do ceo.

De sobre a matta florida
Esta minh'alma perdida
Não veio— só parti eu.

A liberdade que eu tive
Por escravo não perdi-a;
Minh'alma que lá só vive
Tornou-me a face sombria,
O zunir de fero açoite
Por estas sombras da noite
Não chega, não, aos palmares!
Lá tenho terras e flores.
Minha mãe... os meus amores. .
Nuvens e céus... os meus lares!

Não perdi-a—que é mentira
Qu'eu viva aqui onde estou;
A' toda hora suspira
Meu coração—p'ra lá vou!
Oíço as feras da floresta,
Em feia noite como esta
Enchendo o ar de pavor!
Oíço, oh! oíço entre os meus prantos
Além dos mares os cantos
Das minhas aves de amor!

Oh nuvem da madrugada,
Oh viração do arrebol,
Leva meu corpo á morada
D'aquella terra do sol!
Morto embora nas cadeias
Vai poisal-o nas areias
D'aquelles plainos d'alem,
Onde me chorem gemidos,
Pobres ais, prantos sentidos,
Na sepultura que tem!

Escravo—não, ainda vivo,
Inda espero a morte ali:
Sou livre embora captivo,
Sou livre, inda não morri!
Meu coração bate ainda
N'esse bater que não finda;
Sou homem—Deus o dirá!
D'este corpo desgraçado
Meu espirito soltado
Não partiu—ficou-me lá!

São Paulo—1850.

CALABAR

Oh não vendeu-se, não!—elle era escravo
Do jugo portuguez—quize a vingança,
Abriu sua alma ás ambições de um bravo
E em nova escravidão bebeu a esp'rança!
Combateu . . . pelejou . . . entre a batalha
Viu essas vidas que no pó se somem;
Enrolou-se da patria na mortalha,
Ergueu-se—inda era um homem!

Calabar! Calabar!—foi a mentira
Que a maldição cuspiu em tua memoria!
Amaste a liberdade;—era uma lyra
De loucos sonhos, d'elevada gloria!
Alma adejando n'este céu brilhante
—Sonhaste escravo reviver liberto;
Subiste ao largo espaço triumphante,
Voaste—era um deserto!

A quem trahiste, heroe? na vil pceira
Que juramento te prendia a fé? !
Escravo por escravo— essa bandeira
Foi de um soldado—lá ficou de pé! . . .
Viu o sol entre as brumas do futuro
—Elle que por si só nada podia;
Quiz vingár-se tambem,—no sonho escuro
Quiz ter tambem seu dia!

O pulso roixo da fatal cadeia
Brandio uma arma, pelejon tambem;
Viram-no erguido na refrega feya,
—Sombrio vulto que o valor sustem!
Respeitai-o—que amon a heroicidade!
Quiz erguer-se tambem do raso chão!
Foi delirio talvez—a eternidade
Teve no coração!

Oh que o Céu era lindo, e o sol se erguia,
Como um incendio nas brasileiras terras:
Da cimeira da serra a voz rugia,
E o som dos ventos nas remotas serras!
Adormeceu. . .—à noite em funda calma
Ouviu ao longe os echos da floresta;
Bateu-lhe o coração—triste sua alma
Sorriu-se—era uma festa!

Homem—sentiu na carne desnudada
O açoite do algoz nodoar-lhe a honra,
E o sangue sobre a face envergonhada
Mudo escreveu o grito da deshonra!
Era escravo!—deixai-o que combata;
Livre nunca elle foi, quer sel-o agora,
Como o peixe no mar, a ave na matta,
Como no Céu a aurora!

Oh deixai-o morrer!—d'este martyrio
Não alceis a calumnia ao gráu da historia

Que fique a lusa mão em seu delirio
— Já que o corpo manchou, manchar a gloria !
Respeitemos as cinzas do guerreiro
Que no pó sacudira a altiva frente !
Quem sabe esse mysterio segredeiro
Do sol lá no horizonte?!

Não se venden ! infamia!.. era um escravo !
Sentiu o stygma vil, horrendo sello ;
Pulsou-lhe o coração, viu que era um bravo ;
Quiz despertar do negro pesadello !
Tronco sem folhas triste e solitario,
Debalde o vento assoberbar tentou ;
Das azas do tufão ao sopro vário
Estremeceu—tombou !

Paz ao sepulchro ! Calabar morreu !
Sobre o tópo da cruz falla a verdade ;
Quiz ser livre tambem—elle escolheu,
Entre duas prisões quiz ter vontade !
E a mão heroica que susteve a Hollanda
A covardia entrega desarmada !..
Vergonha eterna a Providencia manda
A' ingratição manchada !

Morreu ! mas lá no marco derradeiro
O coração de amor bateu-lhe ainda !
Minha mãe, murmurou.. era agoureiro
Esse queixume de uma dôr infinda !
Morreu, o escravo se desfez em pó...
Ferros lançaí-lhe agora, si o podeis !
Vinde tyrannos—ella está bem só.
Dictai-lhe agora leis !

ENLEVO

Se invejo as coroas, os cantos perdidos
Dos Bardos sentidos—que altivos ouvi,
Bem sabes donzella, que os loucos desejos,
—Que os vagos almejos—sam todos por ti.

Bem sabes que ás vezes ten pé sobre o chão
No meu coração faz echo passando,
Que sinto e respiro teu halito amado,
E mesmo acordado só vivo sonhando !

Bem sabes, donzella, na dor ou na calma,
Que é tua a minha alma, que é meu o teu ser,
Que vivo em teus olhos, que sigo teus passos,
Que quero em teus braços viver — morrer.

A luz do teu rosto—e en sol de ventura
—Saudade, anargura, não sei o que mais—

Traduz meu destino n'um simples sorriso,
Que é meu paraíso—n'um gesto de paz.

Se triste desmaias, se a cor te fallece,
A mim me parece que foges p'ra o céu.
E eu louco murmuro nos amplos espaços,
Voando a teus braços: és minha, sou teu.

Da tarde no sopro suspira baixinho,
No sopro mansinho suspira—quem és?
Suspira... has de ver-me de frente abatida
Sem força, sem vida—curvado a teus pés.

A' GARIBALDI

I

Erguei-lhe um throno!...tem laureis de mais
Beijai-lhe as palmas!...são laureis de gloria
Não quer do escravo a somnolenta paz;
Livre—não vende o premio da victoria!

Erguei-lhe um throno!—para que?—deixai-o
Sacudir-se nas azas da metralha!
Tem no braço o poder, no gladio o raio,
E seu manto real tem na batalha.

Surge,.. e a Italia lhe conhece o passo;
E os rotos batalhões cerrão de novo!
Embalde o cercão, pelo immenso espaço
Tem combatentes—ali está seu povo!

Eis o negro corcel relincha ovante,
Escutando o clarim na metralhada!...
Acompanhai-o—que elle está diante,
Marca-lhe o runo a ponta de sua espada.

Vai seu caminho, heróe da liberdade,
Audaz guiando a marcial cohorte!
Manda o canhão seu nome á eternidade
—Da metralha sephor, rival da morte!

Sabem-lhe a vida ardente—essa epopéa,
Com sangue escripto ao trom da artilharia,
Nas planicies—nos montes—sobre a aréa,
Ou nos mares á voz da ventania!

Magestoso, na frente da columna,
Tremúla heroica a nacional bandeira :
De seu cavallo á cauda ata a fortuna,
Leva no braço a gloria prisioneira.

Roja ancioso pelo solo raso
Soldados, generaes, c'róas e sceptros!
Enviado de Deus—filho do acaso
Seguem-lhe turbas de millhões de espectros!

Vem dos ferros, do exilio, da prisão,
Dos cemiteirios, da masmorra escura,
—De Veneza, de Roma, de Milão—
Querem na patria ao menos sepultura!

Este é a triste miseria, aquelle a fome ;
Este a ambição cahida, aquelle a dór ;
Este a saudade que o sepulchro some ;
Aquelle a sombra de um perdido amor !

Da independência o sol—eil-o que gyra
Sobre mil combros de poeira e ossos!
Que vasto incendio!--em fumegante pyra
Vede-o---de pé—sereno—entre destroços!

II

Oh! vinde de Italia, oh! bravos,
Vinde honrar essa coragem:
Vinde saudar na passagem
O vingador dos escravos!
Inda negro de poeira—
Vem cravar essa bandeira—
Toda de balas partida,
Que lá ficou nas batalhas
Entre sangrentas mortalhas
—Nunca morta—inda com vida!

Nos temerosos combates
Já tem provado valor;
Da guerra aos fortes embates
Não soube mudar de côr!
Renovo puro e possante
D'essa Roma triumphante,
—Não da Roma escravizada—
Inda sonha... que destino!
No Janiculo, no Aventino,
A liberdade c'roadá!

Sonha Cicero orgulhoso
A trovejar no Senado;
Vê de Cezar--o famoso
Roto manto ensanguentado!...
No *Forum* torvelinhar,
—Nuvem de cinza no ar—

Cuida ver a multidão!
Sauda os Grachos altivos,
Que nunca forão captivos,
Esses rivaes de Catão!

Entre as lembranças divinas
Dos gigantes monumentos,
Neste solo entre ruinas,
Solettrai vossos portentos!
Erguei-vos . . . tudo se cala!
Só a estatua, o marmor falla
Na mudez de santa paz!
De Horacio Cocles no Tibre
—Embora morto, inda livre,
Vaga a sombra--e nada mais!

Destas cinzas sobre a louza,
Novo Spartaco se ergueu!
N'aquella campá repousa
Uma nação que morreu! . . .
Hão de ve-la, erguida agora,
Rainha, escrava de outr'ora,
Quebrar o somno profundo;
Não, não hade a tyrannia
Curvar a fronte sombria
Da vencedora do mundo.

III

Garibaldi—eil-o ali está
Na Sicilia pelejando;
Na frente que fulge lá
Cheio de virentes louros
O vulto heroico aos vindouros
Hade assombrar na grandeza . . .

Que esteira immensa de luz!
Daquella espada na cruz,
Que popular realza!

Respeitai-o!—nas tormentas
Vio da America as florestas;
Vio as phalanges sedentas
De outras glorias como estas;
Oh! vio nos bosques cerrados,
Nos campos descortinados
Do sol as luzes tamanhas;
Vio nas azas do condor
Alar-se o anjo do amor
Na solidão das montanhas!

Lá *gaúcho* das campinas,
Solto o *ponche* ao furacão,
Da liberdade a oração!
Medio a gloria do braço
Na virgindade do abraço
Do céu, da terra do mar!...
Como erão bellos os montes
Nesses largos horisontes
Do rubro sol a brillar!

Sicilianos, saudai--
O heroe das lendas sagradas;
Cobri de flores, juncái
O frio chão das estradas!
A vaga do mar se cala...
Já nas plagas de Mar-ala
Retumbou a artilharia:
Que corre, vó a não canca,
Flagello da tyrannia!

A's armas!—sôa rebato,
Lá está Palermo a tremor,

A's armas!—neste combate
Cumpre vencer ou morrer!
Chovão bombas—pouco importa,
De tanta grandeza morta
Alçai outra vez um throno:
Cóllo altivo—a fronte erguida—
Que valle no chão a vida,
O pesadello no somno?!

Ha nos campos muita bala
Enterrada pelo chão,
—Lembranças que a dôr exhala,
Saudades de um coração!
Ha muito corpo esquecido,
Nos supplicios resequido,
Ossos já—sem carne apenas:
Oh! erguei-vos!—que fazeis?
Não—covardes, não sereis...
Ha muito pranto nas scenas!

Quem vos guia, viu de perto
Do Gaulez a torva enchente
Vio o Pó no curso incerto
Estremecer de repente:
Mas, quando Roma curvou-se,
Quando triste debruçou-se
A estrella de Scipião...
Sempre o mesmo, igual na fé,—
Não quiz ver estranho pé
Onde assestára o canhão.

Os braços do livre escudo—
Foi guardal-os no desterro;
Do exilio no seio rudo
Retemperar seu aferro!...
Mais tarde—virão-n'ò erguido
Na refrega encandecido

Festejar da patria o dia...
Nos austriacos bastiões
Entre o rugir dos canhões,
Ao som da fuzilaria.

Hoje alli—a mesma sorte
Lhe conduziu o baixe!;
Soltou as azas á morte,
No galope do corcel!
Si morrer, na pedra escura
Que tapar-lhe a sepultura
Abrão-lhe eterna inscripção:
—Aqui dorme a Italia inteira,
Só tem por leito a poeira,
Por travesseiro o canhão!

IV

Erguei-lhe um throno... tem laureis de mais
Beijai-lhe as palmas... são laureis de gloria!
Não quer do escravo a somnolenta paz,
Livre—não vende o premio da victoria!

TEU NOME

Teu nome foi um sonho do passado ;
Foi um murmúrio eterno em meus ouvidos ;
Foi som de uma harpa que embalou-me a vida ;
Foi um sorriso d'alma entre gemidos !

Teu nome foi um echo de soluços,
Entre as minhas canções. entre os meus prantos ;
Foi tudo que eu amei, que eu resumia—
Dores—prazer—ventura—amor—encantos !

Escrevi-o nos troncos do arvoredo,
Nas alvas praias onde bate o mar ;
Das estrellas fiz letras—sofeteio-o
Por noute bella ao morbido luar !

Escrevi-o nos prados verdejantes
Com as folhas da rosa ou da açucena !

Oh quantas vezes na aza perfumada
Correu das brisas em manhan serena!?

Mas na estrella morreu, cahiu nos troncos,
Nas praias se —apagou, murchou nas flores;
Só guardado ficou-me aqui no peito
—Saudade ou maldição dos teus amores.

PROMETHEO

(FRAGMENTO)

III

Na cratera de um vulcão
Fiz meu ninho— aguia sublime;
Da liberdade a canção
Acompanhou-me no crime.
Por cerrado nevoeiro
O meu cabeçaço altaneiro
—Ufano cedro enterrei—
Mas veio o raio celeste
Como em Jafa a negra peste,
No chão a face rojei!

Por sobre restos humanos
Ampla estrada ovante abri;

Entre destroços damnos
Da bala ao silvo dormi!
Os homens todos tremiam,
Quando meus passos onviaui
Troar n'um brazido acceso;
Mesmo hoje terror infundo,
Nem pôde soffrer o mundo
Das minhas glórias o peso.

Possante a fama agoneira
—Não hei de calar, não calo;
Esmaguei a terra inteira
C'o as patas do meu cavallo!
Abri mappas, fiz nações,
Das extinctas gerações
A fria cinza tremeu!
Da gloria sobre os caminhos
Collhi louros dos espinhos,
Vi na terra a luz do ceo.

Rei da victoria, senhor,
Das balas que me seguiam,
Da batallia entre o fragor,
Si eu fallava—ellas fugiam!...
O vate da Ukranea ouviu-me,
Alegre a Italia sorriu-me,
Caminhei por toda a parte;
Vi-me o turco minarete,
Reluzir meu capacete,
Fluctuar meu estandarte.

Quem sou? Pergunta á procella
Que nome o raio solettra;
A's aguas do mar que vela
O que diz a vaga tetra;
O que murmuram sombrias
As azas das ventanias

No medonho esfuziar ;
Que mysterio ouve o tufão,
Quando o carvalho no chão
Quebra os ramos no tombar.

Comigo os Alpes dobraram,
Os gelos se derreteram ;
Os homens se libertaram,
E por mim tambem generam !
Do rutilo Cezar o astro
Empallideço. se alastro.
O campo ethereo dos ceos !
Não me venceu Alexandre,
Como Annibal fui tan grande,
Fui na terra um semideus !

No correr da vida a morte
Uma epopeia compuz,
Nem de Homero a mente forte
Maior grandeza traduz !
Anjo excelso das batalhas—
Não haveriam mortallas
P'ra as vidas que decotei !
Fui um Jupiter Tonante,
—*Joguei thronos n'um instante,*
—*E mil imperios parei.*

Tive um palco—a terra inteira,
Vassallos—Papas e Reis '
Té dos meus pés a poeira
Sagravam como suas leis ;
N'um dia c'roas pisava,
E n'ontro sceptros junctava,
Era o idolo do povo:
Da terra meu vulto ia
Tocar no que luzia,
Outro sol formar de novo—

Sol de Austerlitz brilhante ;
Sol de Marengo altaeiro ;
Sol horrivel, deslumbrante,
Da victoria audaz luzeiro ;
Sol de homericas batalhas ;
Sol que ao pé de mortalhas
Faz os mortos reviver ;
Sol que ainda assombra a historia ;
Sol que se chama gloria ;
Sol que não póde morrer !

Hoje tristonho, isolado
N'esta rocha solitaria.
E' meu silencio inda um brado
Que electriza a turba varia ;
Cantam-me o mar e o vento ;
No furacão turbulento
Vai meu nome á eternidade! . .
Eis meus bravos generaes—
Na furia dos vendavaes,
Meu clarim—na tempestade

N'este Golgotha—aquí suo
Meu triste suor de sangue ;
Aquí na vida, que amuo,
Pende o corpo, a alma não languie ;
Aquí tenho o meu destino,
Grande, heroico, divino,
Aquí talvez a vingança ;
Sobre esta ilha esquecida,
Na minha campa da vida.
Deus escreveu --esperança !

Quem sabe si a minha raça
Precisava de baptismo ;
Se no crisol da desgraça
Depurei o heroismo ;

Si é de minha alma o supplicio,
Do meu crime o sacrificio
A liberdade esquecida ;
Se esta minha realeza,
Por nascer da natureza,
Precisava ser unvida !

Quiz ser Deus . . . oh foi loucura,
Foi horrivel sacrilegio ;
Não cobrem a sepultura
As dobras de um manto regio !
Fui cego . . . os braços erguidos,
A tantos seculos perdidos,

Não avistei de uma cruz !
Ai ! não vi n'esta cegueira
Que aquelle sangue a poeira,
Não manchou—encheu de luz .

SAUDADE

I

Eu já tive em bellos tempos
Alguns sonhos de criança :
Já pendurei nas estrellas
A minha verde esperança ;
Já recolhi pelo mundo
Muita suave lembrança.

Sonhava então — e que sonhos
Minha mente acalentaram?!
Que visões tão feiticeras
Minhas noites embalaram?!
Como eram puros os raios
Dos meus dias que passaram?!

Tinha um anjo de olhos negros,
Um anjo puro e innocente,
Um anjo que me matava
Só c'um olhar—de repente,
—Olhar que batia n'alma,
Raio de luz transparente!

Quando ella ria, e que riso?!
Quando chorava,—que pranto?!
Quando rezava, que prece!
E n'essa prece que encanto!?
Quando soltava os cabellos,
Como esparzia quebranto?!

Por entre o chorão das campas
Minhas visões se occultaram;
Meus pobres versos perdidos
Todos, todos acabaram;
De tantas rosas brillantes
Sò folhas secca ficaram!

II

Oh que já fui feliz!—ardente, ancioso
Esta vida boiou-me em mar d'encantos!
Os meus sonhos de amor eram mil flores.
Aos sorrisos d'aurora, abrindo á medo
Nos orvalhados campos!

Ella no agreste monte, ella nos prados,
Ella na luz do dia, ella nas sombras
Pardacentas do valle, ella no monte
No Céu, no firmamento—ella sorrindo!

Então o sol surgindo feiticeiro,
Entre nuvens de côres recamadas,
Segredava mysterios!

Como era verde o florescer das veigas
Brandinha a viração, murmura a fonte,
Meigo o clarão da lua, a estrella amiga
Na solidão do Céo!?

Que sedes de querer, que amor tão sancto,
Que crença pura, que ineffaveis gozos,
Que venturas sem fim, calcando ousado
Humanas impurezas!

Deus sabe—si por ella em sonho extranho
Á divagar sem tino em loucos extasis,
Sonhei, penei, vivi, morri d'amores?!
Si um quebro fugitivo de seus olhos
Era mais do que a vida em plaga edenica,
Mais do que a luz ao cego, o orvalho ás flores,
A liberdade ao triste prisioneiro,
E a terra da patria ao foragido!!!
Mas ai—tudo morreu!...

Secou-se a relva, a viração calou-se,
Os queixumes da fonte emudeceram,
Morbida a lua só pratêa lousa,
A estrella amorteceu, e o sol amigo
No verde-negro seio do oceano
Chorando face esconde!

Meus amores talvez morreram todos
Da lua no clarão que eu entendia,
N'essa restea do sol que me fallava,
Que tantas vezes me aqueceu a fronte

III

Além, além, meu pensamento, avante !
Que idea agora a mente me assaltêa ?!

Lá surge afortunada,

Da minha infancia a imagem feiticeira !
Quadra risonha de innocencia angelica,
Minha estação do Céu, porque fugiste ?
E que vens tu fazer—agora á tarde
Quando o sol já desceu os horisontes,
E a noite do saber já vem chegando

E os lugubres lamentos ?!

Minha aurora gentil—tu bem sabias
Como eu fallava ás brisas que passavam.
A's estrellas do Céu, á lua argentea,
Sobre nuvem purpurea ao sol já frouxo !
Ante mim se erguia então o venerando
O vulto de meu Pai,—perto. a meu lado
Minhas irmãs brincavam innocentes,
Puras, ingenuas, como a flor que nasce
Em recatado ermo !—Ai minha infancia
Não voltarás... oh nunca!... entre cyprestes
Dormes d'aquelles sonhos esquecida !
Na solidão da morte—ali repoisam
Ossos de Pai, de Irmãos!... embalde choras
Coração sem ventura... a lousa é muda,
E a voz dos mortos só a campa a entende !

Tive um canteiro de estrellas.
De nuvens tive um rosal ;
Roubei ás tranças da aurora
De perolas um ramal.

De auri nocturno véu
Fez-me presente uma fada ;
Pedi á lua os feitiços,
A côr da face rosada.

Contente á sombra da noite
Resava a virgem Maria;
De noite tinlia esquecido
Os pensamentos do dia.

Sabia tantas historias
Que me não lembra nenhuma;
Os meus prantos apagaram
Todas, todas—uma a uma!

IV

Ambições, qu'eu já tive, qu'é d'ellas?
Minhas glorias, meu Deus, onde estão?
A ventura--onde vive na terra?
Minhas rosas—que fazem no chão?

Sonhei tanto! .. nos astros perdidos
Noites... noites inteiras dormi;
Veio o dia, meu somno acabou-se,
Não sei como no mundo me vi!

Esse mundo que outr'ora habitava
Era Céu... paraíso... eu não sei!
Veio um anjo de fórmãs aereas,
Deu-me um beijo, depois acordei!

Vi maldito esse beijo mentido,
Esse beijo do meu coração!
Ambições, qu'eu já tive, qu'é d'ellas?
Minhas glorias, meu Deus, onde estão?

A cegueira vendou-me estes olhos,
Atirei-me n'um pezo profundo:
Quiz coróas de gloria... fugiram,
Um deserto ficou-me este mundo!

As grinaldas de louro murcharam,
Nem grinaldas— sómente a loucura!
Vi no throno da gloria um cypreste,
Junto d'elle uma vil sepultura!

Negros odios, infames traições,
E mais tarde... um sudario rasgado!
O futuro?... uma sombra que passa,
E depois... e depois... o passado!

Ai maldito esse beijo sentido
Esse beijo do meu coração!
A ventura—onde vive na terra?
Minhas rosas—que fazem no chão?

Por entre o chorão das campas
Minhas visões se occultaram;
Meus pobres versos perdidos
Todos, todos acabaram;
De tantas rosas brilhantes
Só folhas seccas ficaram...

S. Paulo 1850.

OLINDA

Olinda—vives formosa
N'estas collinas perdida ;
Princeza do mar saudosa
Tu sonhas de amor rendida !
Vejo-te ahí feiticeira,
Talvez pensando agoureira,
Nessa já morta grandeza ;
Mas em vez de um rico throno
Nesse largo e fundo somno
Fez um niho a natureza !

Sobre um tapiz de verdura,
India de amor nainorada,
Tens a viga que murmura,
A tens pés escravisada !
Aí no passado a tua gloria,
No livro eterno da historia,

Conservou a mão da sorte ;
Tu revives na lembrança,
Como as flores da esperança
Sobre a cruz—depois da morte.

Foste rainha—o teu sceptro
Estes campos dominou ;
Mas veio um dia—poisou
Nas praias um negro espectro!
No leito do prisioneiro
Entre os braços de um guerreiro
Veneno e goso bebeste!
Sobre o seio adormecida
N'aquelle engano da vida,
Dormiste, mas não morreste !

Oh ! que riqueza sem fim !
Oh que bulício sem par !
Tiveste grandeza assim,
—Ouro e prata a deslumbrar !
A mão do fado infeliz
Ver-te nua um dia quiz
Só com tuas penas—mas nada !
Como tu és linda agora,
Banhando-te á luz da aurora,
N'aquella vaga asulada? !

Agora sim como brilha
O teu cinto de verdura? !
Dos bosques mimosa filha
Que veio na face pura !
A sombra d'este arvoredo
Como se conta um segredo
Baixinho—na voz das selvas !
Que mysterio lá nos ares !
Oh que saudade nos mares !
Oh que perfumes nas relvas !

Aqui misturam-se os hymnos
Do deserto e da cidade;
Aqui das aves nos trinos
Sorri-se a meiga sandade!
Juncto das trevas a luz
Juncto dos troncos a cruz
A igreja na solidão;
Que importa a morta grandeza,
Si aqui tenho a natureza
Me fallando ao coração?

Ai que lembrança fugiu-me
Para nunca mais voltar;
Qual da jangada no mar
A vela que alli sorriu-me!
Oh India bella e formosa,
Que te inclinas graciosa
Nas aguas tan sem receio,
Eu amo em tarde serena
Ver essa face morena
Pendida sobre o teu seio!

Sonho entam, vejo passando
Algumas sombras na praia!
Um vago som murmurando
Pelo espaço— além se espraia!
Do mar que geme as endeixas
Da terna aragem as queixas.
Entendo—sei decifral-as
De entre as palmeiras sandosas
Lá das sombras vaporosas
Sam os gemidos, as fallas!

Alli nas verdes collinas
Alvos templos se alevantam;
Pela varzea peregrinas

Suspirando as aves cantam!!
Alli n'um extase occulta,
Morta a vida, a alma sepulta,
Doideja em sonho de amor;
Alli, meu Deus, alli só
A cruz murinura no pó
Falla no vento e na flor!

Eis a esperança que sonha
Sobre as espumas do mar;
Que vem na vaga risonha
Teus pés mimosos beijar!
E quando estrellas a mil
No firmamento de anil
Traz da noite a mão suprema,
Então,—oh Nympha das selvas
Sobre o teu leito de relvas
Encostas o diadema!

Ai infeliz tambem chora,
Ajoelhada nos montes,
Em quanto nos horisontes
Não surge o brilho da aurora!
Em baixo a dor, o pesar,
O eterno grito do mar
Susurra, os échos acórda;
Da prece a deusa chorosa
Vaga na praia saudosa,
Soluça do mar á borda!

Salve, Olinda, entre as rainhas,
Rainha da natureza!
Trocaste o solio que tinhas
Por mais linda realza!
Livre agora do Hollandez,
Roto o Sceptro portuguez,

E's pobre, mas tens o riso!
Se o mar cioso tragar-te
Pódem na lousa gravar-te!
— Aqui foi o paraiso!

1858.

O TROPEIRO

I

O ARREEIRO

Olha a madrinha da tropa,
João:
O lote não vai seguido,
Deitou-se o burro—Perdido—
No chão!

Sentido no alevantar,
Cuidado!
E' arisca a besta baia,
Anda, vé que ella não caia,
Pasmado!

Toca a—Fidalga—da beira
Da serra;
Si escorregar, vái-se embora
Do barranco de fóra
Na terra.

Diabo, que fazes tu,
Não ves?
Sacode o relho, o chicote,
Só andam cinco no lote,
Sam seis.

Tinhoso, vira essa cara
No andar;
Estou vendo a cabeçada
Da besta mais carregada
No ar.

Olha o cavallo tordilho
Parado;
Sentido que o lote espalha,
Já traz pendida a cangalha
Do lado.

Deita, deita o tapa-olhos,
Não pares;
Aperta mais o arrócho,
Vai o ligal meio frouxo
Nos ares.

A ferradura ali está
Da mão,
Anda, suspende o embornal,
Não vés o sacco de sal
No chão?

Ché que esperança ! lá vou,
Rapaz ;
Vou só beber a caninha
Ali n'aquella vendinha
—Detrás.

Vamos depressa, galopa,
Machinho ;
Em um *nadinha* lá estou ;
Tenho as chilenas—lá vou,
E volto logo ao caminho.

Tenho o meu p'nche, a garrucha,
Que mais ?
Posso seguir socegado
—Que vou correndo o meu fado.
Vou com Deus, e vou-me em paz.

II

O TOCADOR DE LOTE

Enrolemos o couro,—é já dia
Vamos ver nossas bestas no pasto :
Tenho faca, o cigarro alumia,
P'ra tocal-as de lá eu só basto.

Vamos, vamos,—estacas no chão !
Vamos, vamos,—caminhe-se em paz !
Aqui tenho os cabrestos na mão,
Tenho milho, cangalha, embornaes.

Carreguemos—que o sol já lá vem,
Carreguemos—que é tarde—partir!

Descerei esta serra --inda bem!--
Volto logo, bem sei que hei de vir.

Ai soltemos o lote primeiro,
E na frente que *puche* a madrinha:
Besta velha--com passo ligeiro,
Que não levas em vão campainha.

Guia as outras, não percas o rumo,
E sentido que alguma não passe;
Tenho os pés callejados,--a prumo
Cale o sol,--já tostou-me esta face.

Vou dormir lá por baixo da serra;
Tenho o couro, de nada preciso;
Descarrego os jacás,--sobre a terra
Durmo alegre ao luar--que sorriso!

Bem me entendem as bestas, si fallo;
Tem seu nome--qu'en as baptizei;
No assobio, do relho no estalo
Si converso com ellas eu sei!

Vou cantando--que o sopro da aragem
Traz-me o riso na voz do trabalho;
De viola na mão--na viagem
Bato o pé na *tyranma*, si fallo.

Vamos, vamos seguindo o caminho
--Que eu já tenho saudades da serra;
Nasci lá pelos montes sosinho,
Quero ver outra vez minha terra;

Minha casa de palha coberta,
Minha cerca de páo de pinheiro;
Quero ouvir quando a aurora desperta,
O meu gallo cantar no poleiro!

III

O COSINHEIRO

Já está bem perto
O poiso ali,
Voltando o morro
Qu'eu bem o vi.

Eis o ancorote—
Água busquemos;
Si houver demora,
Sei o que temos!

Preparo o fogo
E o caldeirão;
Já tenho prompto
Sal e feijão.

N'hum fechar d'olhos
Tenho o jantar;
Barriga cheia—
Toca á folgar.

Não *pucho* bestas,
Não levo cargas;
As noites minhas
Não são amargas.

Pelas estradas
Sou eu o rei;
Vou de *corcova*,
Vou qu'eu bem sei.

Alegre e rindo,
A vida aceito;
Tenho o *sincero*
Dentro do peito.

Bem pequenino
Deixei meu ninho;
Fui *correr mundo*
Pelo caminho.

Eis chega a noite,
Brilha o luar;
Do fogo em roda
Vão-se aquecer!

Vamos depressa,
Temos café;
Depois diremos
Quem bate o pé.

Tenho um beatinho,
Tenho um rosário;
Correm as contas
Do meu fadário.

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).